

“entrante aa noite”

O participio presente no português antigo

Ana Cláudia Moreira Martins

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

abril, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Lobo e da Professora Doutora Alexandra Fiéis

Cláudia Martins

“entrante aa noite”

O participio presente no português antigo

Lisboa

2015

AGRADECIMENTOS

Confesso que é com um misto de satisfação e surpresa que chego ao fim deste trabalho. Satisfação, porque vejo, finalmente, o meu projeto ganhar corpo e, ainda que longe de ser uma investigação terminada, posso considerar que esta etapa está percorrida. Surpresa, primeiro, porque o tempo passou *literalmente* ‘a correr’ e, segundo, porque houve vários momentos em que duvidei de conseguir, um dia, chegar aqui, a este *fim*. É essencialmente por esse motivo que faz todo o sentido agradecer a quem, de uma forma ou de outra, tornou possível este ‘cortar da meta’. Com certeza não poderei aqui agradecer de forma justa a todos os que fizeram parte deste processo, mas a gratidão e o reconhecimento do papel de cada um não saem diminuídos por isso.

Agradeço, em primeiro lugar, e de forma muito especial, às minhas orientadoras, Maria Lobo e Alexandra Fiéis. Agradeço-lhes todo o apoio e a disponibilidade, as explicações e sugestões, a compreensão e paciência com que, não raras vezes, tiveram de aguardar ‘mais uns dias’ pela entrega de um novo capítulo ou de reagendar reuniões com esta orientanda nada cumpridora de prazos. Agradeço-lhes também os sorrisos e as palavras de ânimo e de conforto, sempre na hora certa.

Agradeço ainda

Aos meus professores desta casa, os ensinamentos, mas também a disponibilidade, o interesse em acompanhar os avanços deste trabalho, o carinho sempre demonstrado.

Aos professores da minha primeira casa, a FLUP, que, ainda na licenciatura, me provocaram o *bichinho* da linguística – um especial ‘obrigada’ à professora Fátima Oliveira, que muito estimo.

Aos meus queridíssimos colegas e amigos da T3, o apoio, a partilha, os momentos de pausa e descontração, as risadas e conversas banais, que tornaram mais fácil este percurso.

A colegas de outras salas, outros centros, outras instituições, que muito me ensinaram e motivaram quando me iniciei nos caminhos da investigação, em 2012; agradeço de modo especial à Catarina, a oportunidade, a formação, a amizade.

Aos meus amigos, presentes e ausentes durante este processo, pois todos fazem parte de quem sou e cada um contribui de forma especial para todos os meus êxitos. Aos que estiveram mais perto nestes meses, o meu especial ‘obrigada’ pelo enorme apoio *logístico* - Ao João, o meu amigo Sol, pela amizade de vinte anos, por nunca estar demasiado ocupado ou cansado para me socorrer, pelo otimismo, pela visão melhorada

que tem de mim, pelos sorrisos e abraços; enfim, por fazer parte da minha vida, sempre. À Catarina, mais uma vez, pelas vezes em que foi ama dos meus filhos, pela força, pela leitura atenta e crítica do meu trabalho, pela partilha, pelos bons momentos.

Também aos meus amigos e familiares ‘mais crescidos’, porque fizeram de mim quem sou. Um agradecimento especial a três mulheres especiais – à minha querida tia Helena, à Mira, minha mãe ‘emprestada’, e à Laura, minha grande amiga –, pelo exemplo e pelo incentivo.

Aos meus pais, por tudo; e ainda pelo enorme apoio nestes últimos meses – as vindas *a e para* Lisboa, a disponibilidade da avó Helena para me substituir e a do avô Mário para ficar sozinho, às vezes por vários dias; a preocupação, o amor com que me rodearam, agora e sempre.

À minha irmã, Belita, que, *do outro lado do mar*, me recorda sempre que posso ir mais além. À minha prima, quase irmã, Fatinha, a tranquilidade que só ela sabe transmitir e os momentos de pausa, junto ao mar.

Finalmente, aos meus três príncipes. Ao Paulo, por tanto! Antes de mais, por acreditar sempre que eu sou capaz de superar qualquer desafio, por desejar que eu prossiga, por ser o meu maior fã!; pelas inúmeras vezes que, ao longo deste tempo, foi pai e mãe, pela forma com que geriu este período de *nervos à flor da pele*, por me fazer rir, e rir comigo, ao fim destes anos todos. Aos meus príncipes pequeninos, Rafael e Guilherme, a paciência e a compreensão quando eu, *descabelando-me*, não tive a serenidade necessária para os assuntos da família; a forma crescida com que foram perdendo as ausências da mãe, que estava *“fechada no escritório, como sempre!”* e os momentos em que o não quiseram fazer, reclamando a minha presença com sorrisos e brincadeiras, lembrando-me de que era *“só um trabalho”!*

RESUMO

Este trabalho pretende, a partir da análise de textos literários e não literários do português antigo, incluídos no Corpus Informatizado do Português Medieval (CLUNL/FCSH-UNL), descrever e interpretar a distribuição sintática e as propriedades do particípio presente no português antigo, verificando semelhanças e diferenças com outras formas não finitas, principalmente o gerúndio. Procurou-se averiguar o que caracteriza as formas de particípio presente do português antigo e do português europeu contemporâneo e o que as distingue de outras formas não finitas do verbo, no que diz respeito aos contextos em que ocorrem, mas também quanto ao seu funcionamento. Assim, analisando mais detalhadamente as orações em que estes particípios ocorrem com função verbal, investigaram-se algumas das suas propriedades internas (legitimação de sujeitos plenos, identificação e legitimação de sujeitos nulos, ordem de palavras), de modo a poder explicar o seu funcionamento e estrutura.

No português antigo, as formas de particípio presente tinham características distintas das do português contemporâneo. No português de hoje, as formas terminadas em *-nte*, subsistem apenas como nomes (*estudante, presidente, pedinte*) e adjetivos (*minguante, cadente, seguinte*). O uso verbal destas formas desapareceu, tendo sido substituído por outras formas não finitas, nomeadamente o gerúndio e o infinitivo.

Quando ainda mantinha o seu funcionamento verbal, o particípio presente ocorria nos mesmos contextos sintáticos em que encontramos outras formas não finitas, principalmente o gerúndio. Estas duas formas pareciam funcionar como variantes livres, tendo depois o gerúndio substituído a forma participial na maioria dos contextos.

A análise dos dados e a comparação efetuada com as formas de gerúndio que ocorrem no mesmo contexto (adjunção adverbial) permitiram concluir que as estruturas com particípio do português se mostram mais defetivas (ocorrem sem conector, não há casos de negação própria e não há particípios presentes compostos) do que as gerundivas. No entanto, essa defetividade não parece dever-se à própria forma de particípio, pois foi possível encontrar particípios presentes como predicados principais.

PALAVRAS-CHAVE: particípio presente; formas não finitas; português antigo;
português europeu contemporâneo; sintaxe

ABSTRACT

This paper aims, from the analysis of literary and non literary texts of Old Portuguese, included in *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL/FCSH-UNL)), to describe and interpret the syntactic distribution and its features in Old Portuguese, by verifying similarities and differences with other non-finite forms, especially the gerund. We established what characterizes both Old and Contemporary Portuguese present participle forms and what distinguishes them from other non-finite forms of the verb, with regard to the contexts in which they occur, but also for their behavior. Thus, analyzing in more detail the sentences in which these participles occur with verbal function, we investigated some of its internal properties (legitimation of full subjects, identification and legitimation of null subjects, word order), in order to explain its functioning and structure.

There are, in Old Portuguese, present participle forms with different features from those of contemporary European Portuguese. In current European Portuguese, these present participle forms, ending in *-nte*, subsist only functioning as nouns (*estudante, presidente, pedinte*) and as adjectives (*minguante, cadente, seguinte*). The verbal use of these forms has disappeared, having been replaced by non-finite forms, namely the gerund and the infinitive.

When it still could function as a verb, the present participle occurred in the same syntactic contexts where we find other non-finite forms, essentially the gerund. These two forms appeared to be free variants, with the gerund having replaced the participle form in the majority of contexts.

Data analysis and the comparison made with gerund forms that occur in the same contexts (adverbial adjunction) showed that Portuguese structures with the participle seem more defective than those with gerunds, however, this is not due to the present participle form itself, since it is possible to find present participles as main predicates.

KEY WORDS: present participle; non-finite forms; Old Portuguese; Contemporary Portuguese; syntax

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1. 1. Objetivos	2
1. 2. Tema – relevância, contribuições e ponto de partida	2
1. 3. Estrutura deste trabalho	3
2. PROBLEMÁTICA EM TORNO DAS FORMAS NÃO FINITAS	4
2. 1. A questão da categorização – dificuldades e propostas	4
2. 2. Formas não finitas: propriedades verbais e nominais.....	8
2. 3. Formas não finitas em português europeu contemporâneo	9
2. 3. 1. O Infinitivo	11
2. 3. 2. O Gerúndio	12
2. 3. 3. O Particípio Passado	15
2. 4. Um olhar pelo português antigo	16
3. O PARTICÍPIO PRESENTE	21
3. 1. O Particípio Presente em diferentes línguas	22
3. 2. O Particípio Presente em português, antes e agora	28
3. 2. 1. Particípio Presente do português de outrora – o uso verbal.....	30
4. O PARTICÍPIO PRESENTE EM TEXTOS DO PORTUGUÊS ANTIGO	32
4. 1. Metodologia	32
4. 2. Percorrendo os textos	35
4. 2. 1. Formas <i>p(er)teecê(t)e</i> s a categorias nominais (e outras)	36
4. 2. 2. Particípio Presente <i>avête</i> funcionamento verbal	39
4. 2. 2. 1. Casos de ambiguidade <i>apparecentes</i> nos textos	45

5. PARTICÍPIO PRESENTE E GERÚNDIO NOS TEXTOS DO <i>CORPUS</i>	53
5.1. Gerúndio <i>fazente</i> a vez de Particípio Presente	53
5.2. Participiais e Gerundivas – defetividade estrutural	56
5.3. Participiais e Gerundivas – ordem Suj-V e V-Suj	62
6. (S)EM JEITO DE CONCLUSÃO	66
BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

1. INTRODUÇÃO

Quando, há cerca de ano e meio, comecei a trabalhar com *corpora* de português antigo¹, algumas formas e estruturas próprias dos estádios anteriores da nossa língua estimularam a minha curiosidade. Entre elas, o particípio presente, no seu ainda funcionamento verbal, foi, sem dúvida, a que mais despertou a minha atenção. De facto, exemplos como “que esteuesse aly des o serãão **ataa o gallo cantante** e que lhe ã encubrisse todo o que lhe acontecesse”, “e descendiste do ceo **dante vida p(er)durav(e)**l a(os) que te recebem dignam(en)t(e)” e “assi se partiram per cansaço, **entrante aa noite**, como mui boos cavaleiros” levaram-me a querer saber mais sobre este tempo *perdido no tempo*.

As formas de particípio presente tinham, no português antigo (PA), características bastante distintas das do português contemporâneo. Hoje, estas formas, terminadas em *-nte*, subsistem na língua quase exclusivamente com funcionamento de nomes (*estudante, presidente, pedinte*) e adjetivos (*minguante, cadente, seguinte*)². O uso verbal que estas formas apresentavam em estádios anteriores desapareceu, passando a ocorrer, nos mesmos contextos, outras formas não finitas, nomeadamente o gerúndio e o infinitivo.

Quando ainda mantinha o seu funcionamento verbal, o particípio presente ocorria nos mesmos contextos sintáticos em que era possível encontrar também outras formas não finitas, entra as quais se destaca o gerúndio. Estas duas formas pareciam funcionar como variantes livres, tendo depois o gerúndio substituído a forma participial na maioria dos contextos.

Um estudo aprofundado das formas de particípio presente, capaz de avançar uma proposta explicativa do percurso evolutivo e das razões pelas quais, no português europeu contemporâneo (PEC), sobreviveram apenas as formas de gerúndio e de infinitivo em contexto verbal afigurou-se, desde o início, como um trabalho empolgante e útil. No entanto, as limitações de tempo e de páginas próprias de uma dissertação de mestrado impuseram-me objetivos mais modestos, levando-me a contar, dentro da história desta forma verbal, a *estória* do seu funcionamento.

¹ No presente trabalho, seguindo Said Ali (1923), é utilizado o termo “português antigo” para designar a língua escrita usada dos séculos XIII a XVI.

² Podemos ainda encontrar, em português europeu contemporâneo, formas de particípio presente com função de categorias não nominais (como preposição, advérbio ou conjunção/locução). Além disso, e como irei referir mais à frente, há ocorrências, em português dialetal, da manutenção do particípio presente como forma verbal.

1.1. OBJETIVOS

Este trabalho de investigação, que tem como referência o quadro teórico da teoria de princípios e parâmetros, tem como objetivo descrever e analisar as formas de participípio presente no português antigo, bem como mostrar semelhanças e diferenças entre os participípios presentes e outras formas não finitas.

A análise proposta pretende dar conta de propriedades sintáticas do participípio presente em textos selecionados do português antigo, incluídos no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL/FCSH-UNL), comparando-as com formas de gerúndio presentes nos mesmos textos e com formas de participípio presente existentes no PEC.

Desta forma, o presente trabalho pretende averiguar (i) o que caracteriza as formas de participípio presente no PA e no PEC; (ii) o que as distingue das outras formas não finitas do verbo; (iii) o que determina os contextos da sua ocorrência e (iv) como se explicam as diferenças no seu funcionamento e na sua distribuição.

Olhando, de seguida, para as orações em que estes participípios ocorrem com função verbal, torna-se importante investigar as suas propriedades sintáticas, de modo a poder explicar o seu funcionamento e distribuição. Nesse sentido, este trabalho procura ainda perceber (v) qual a distribuição sintática das formas de participípio; (vi) se se trata de orações plenas (com estrutura funcional completa) ou defetivas (não projetando todas as categorias funcionais) e (vii) como se explicam as suas propriedades internas, como a legitimação de sujeitos plenos, a identificação e a legitimação de sujeitos nulos ou a ordem de palavras.

1.2. TEMA – RELEVÂNCIA, CONTRIBUIÇÕES E PONTO DE PARTIDA

Partindo da análise de orações em que ocorrem as formas terminadas em *-nte*, este trabalho pretende contribuir para o conhecimento do comportamento das formas não finitas em português, fazendo uma descrição sistematizada que possibilite uma primeira caracterização das estruturas com participípio presente.

Esta caracterização trará informação nova e relevante, na medida em que o participípio presente está ainda pouco estudado por autores recentes, pelo menos no que diz respeito ao português. Encontram-se trabalhos para línguas em que esta forma subsiste com uso verbal, como é o caso do inglês, do francês e do italiano. Para o português, encontramos referências às formas verbais do participípio presente

principalmente em estudos sobre o gerúndio, uma vez que já no português antigo estas duas formas eram usadas nos mesmos contextos.

As formas de particípio presente encontradas nos textos do *corpus* levantam uma série de questões que estão, até hoje, por responder. Logo à partida, as dificuldades na sua categorização tornam relevante investigar e/ou repensar o que define uma categoria gramatical e como caracterizar categorias que têm propriedades híbridas, como é o caso do particípio presente e das outras formas não finitas, quer do português, quer de outras línguas. As orações em que encontramos o particípio presente com funcionamento verbal levantam também questões pertinentes para a compreensão destas e de outras formas não finitas, que se relacionam com a defetividade e a estrutura funcional das formas não finitas do português.

1.3. ESTRUTURA DESTE TRABALHO

O presente trabalho encontra-se dividido em seis capítulos. No capítulo 1, é feita uma breve introdução à temática e são apresentados os objetivos e questões desta investigação, bem como a relevância e as motivações para o tratamento do tema em análise. O capítulo 2, teórico e descritivo, faz a revisão da literatura, dando conta do estado da arte sobre a problemática que envolve as formas não finitas em diversas línguas e apresentando as principais características destas formas no PEC e no PA. O capítulo 3, também teórico, resume o que na literatura é dito sobre o particípio presente em diferentes línguas. O final deste capítulo centra-se no particípio presente do português, quer de hoje quer de estádios mais antigos da língua. No capítulo 4, é apresentado o *corpus* e a metodologia seguida para a sua elaboração e tratamento, seguindo-se a descrição e análise dos dados. Neste capítulo, ilustram-se os diferentes contextos sintáticos em que ocorre o particípio presente, bem como algumas das suas propriedades. A discussão dos dados apresentados será feita no capítulo 5, e centra-se essencialmente na comparação entre o particípio presente e o gerúndio, de acordo com os dados analisados. Procura-se, nesta parte do trabalho, refletir sobre algumas das semelhanças e das diferenças que se verificam entre as orações gerundivas e as participiais, principalmente no que concerne à defetividade estrutural e à posição do sujeito. Finalmente, no capítulo 6, apresentam-se as conclusões e levantam-se algumas questões relevantes para investigação futura.

2. PROBLEMÁTICA EM TORNO DAS FORMAS NÃO FINITAS

O conceito de (não) finitude tem sido pensado por diferentes autores de quadros teóricos distintos, ao longo dos tempos. Consequentemente, nem todas as definições partem da mesma perspetiva e nem todas consideram exatamente as mesmas formas, quando se referem ao conjunto das formas não finitas.

Comummente, as formas não finitas são definidas por contraste com as finitas³, baseando-se a definição em propriedades que, tradicionalmente, se aceita serem características das primeiras e não verificáveis nas segundas. Assim, ao contrário das formas finitas, as não finitas são apresentadas como desprovidas de marcas das categorias tempo, modo e aspeto, e impossibilitadas de constituir predicados de frases independentes.

Tradicionalmente, inserem-se no conjunto das não finitas as formas dos verbos no infinitivo, no particípio e no gerúndio. Alguns trabalhos mais recentes, nomeadamente de carácter funcionalista e tipologista⁴, consideram que os *converbs*⁵ e os nominais de ação (nomes deverbais)⁶ integram também o grupo das não finitas.

No presente trabalho, *formas não finitas* corresponderão, de acordo com a aceção tradicional, às formas verbais no infinitivo, no gerúndio e no particípio, classificação que considero essencial para o estudo das formas de particípio presente em português, objetivo principal desta investigação.

Classificadas, na gramática tradicional, como formas nominais do verbo, as formas não finitas apresentam propriedades verbais e nominais (de nome e adjetivo), situando-se, em muitos contextos, na fronteira entre diferentes categorias. A sua categorização, bem como o seu funcionamento próprio, tem motivado diferentes estudos na área da Linguística.

³ Veja-se a definição de finitude de Huddleston e Pullum (2006: 208): “In languages generally, the concept of finiteness normally applies in the first instance to verbs, and then derivatively to clauses, a clause being finite or non-finite according as the verb is finite or non-finite. In traditional grammars a finite verb is one that is inflected for person and number – and is therefore ‘limited’ (hence ‘finite’) with respect to the kinds of subject it can combine with. [...] Modern grammars, based on a wider range of languages, tend to define a finite verb as one that can occur as the verb of a main clause (or a declarative main clause), the connection with the traditional definition being that it is the verbs of main clauses that characteristically exhibit the maximum amount of inflectional marking for person, number, tense, and other verbal categories [...]”.

⁴ Veja-se, entre outros, os trabalhos de Haspelmath & König (1995) e de Nedjalkov, Igor’ V. (1998).

⁵ Haspelmath (1995) define ‘*converb*’ como uma forma verbal não finita cuja função principal é marcar a subordinação adverbial.

⁶ Em algumas línguas, como o húngaro, há nominais de ação, no grupo das formas não finitas, que não são considerados verbos, mas sim nomes, já que funcionam como núcleos de NP (cf. Ylikoski 2003).

2.1. A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO – DIFICULDADES E PROPOSTAS

As formas de participípio presente que ocorrem nos textos do português antigo (tal como acontece com outras formas não finitas, não só do português, mas de várias línguas) levantam uma série de questões, ainda por responder.

Logo à partida, as dificuldades na sua categorização tornam relevante investigar e/ou repensar o que define uma categoria gramatical e como caracterizar categorias que têm propriedades híbridas, como é o caso dos participípios e de outras formas não finitas, nomeadamente gerúndios e infinitivos.

Vários autores, dentro de diferentes quadros teóricos (generativistas, funcionalistas, cognitivistas, tipologistas), têm discutido a problemática da categorização, já que é possível encontrar categorias que não são facilmente caracterizáveis nas classes tradicionais (nome, verbo, adjetivo).

No quadro da gramática generativa (Chomsky 1970), as principais categorias – nome, verbo, adjetivo e preposição – são definidas por associação binária de traços categoriais básicos (+/- N e +/- V), à semelhança do que acontece com os segmentos fonológicos. Chomsky parte de uma distinção da gramática tradicional, assumindo que o traço [+N] é substantivo (e inclui nomes e adjetivos) e o traço [-N] é predicativo (e engloba verbos e adjetivos), e considerando que as categorias verbo, nome e adjetivo correspondem às categorias lexicais. Deste modo, o traço N sintetiza o conjunto de propriedades definidoras das categorias substantivas e o traço V sintetiza o conjunto de propriedades que definem as categorias predicativas. Assim, o nome é classificado como [+N, -V], o verbo como [-N, +V], o adjetivo [+N, +V] e a preposição [-N, -V]⁷. Este sistema permite estabelecer classes naturais de categorias principais, que permitem, por sua vez, formular generalizações linguísticas.

Estabelecem-se, assim, quatro classes naturais:

- [+N] A, N
- [+V] A, V
- [-N] V, P
- [-V] N, P

⁷ Chomsky não incluiu, inicialmente, a classificação da preposição na sua proposta; esta deve-se, segundo Baker (2003a: 1), à visão e ao trabalho de Jackendoff (1977).

Cada uma destas categorias pode subcategorizar complementos e funcionar como núcleo de uma categoria sintagmática⁸ (cf. Mateus *et al.* 1989: 176-177). As categorias [-N] são, de acordo com a proposta de Chomsky, as únicas capazes de atribuir Caso, pelo que N e A apenas admitem complementos introduzidos por uma preposição.

A partir da análise das propriedades sintáticas, poder-se-ia, então, distinguir as categorias principais, mesmo quando essa distinção não fosse possível através de outros critérios, nomeadamente morfológicos. Assim, esta forma de sistematização das categorias permitiria classificar os itens lexicais de qualquer língua natural. Em português, por exemplo, as categorias [+N] apresentam flexão de género/número (*alto/alta/altos/altas; gato/gata/gatos/gatas*) e não aceitam um NP⁹ como complemento (**desejoso uma pausa vs. desejar uma pausa; *construção esta ponte vs. construir esta ponte*). As categorias [-N] podem ter um NP como complemento (*desejar [uma pausa]; para [os meus irmãos]*).

A classificação proposta por Chomsky tem sido largamente discutida por se revelar, em alguns aspetos, imperfeita ou insuficiente. De acordo com vários autores que têm abordado esta problemática, é uma classificação que não explica todas as semelhanças e diferenças entre categorias. Assim, novas propostas foram surgindo.

Abordagens diferentes, nomeadamente as funcionalistas, concebem as categorias lexicais como noções prototípicas, de fronteiras esbatidas, que se baseiam em propriedades semânticas (e pragmáticas), e não sintáticas. As diferentes categorias são classificadas a partir da sua função: referir (N), predicar (V) ou modificar (A) (cf. Croft 1991). Autores como Hopper & Thompson (1984) consideram que a classificação das categorias linguísticas se deve basear na função que estas desempenham no discurso, e não apenas em propriedades semânticas verificáveis isoladamente.

Em vez de um sistema binário para a distinção e classificação de categorias, alguns trabalhos propõem um sistema escalar, de aproximação a categorias “puras”. Estas perspetivas definem as categorias como um conjunto de traços decompostos em valores, que se distribuem num *continuum*, no qual as diferentes formas se movimentam, de acordo com os seus traços verbais ou nominais, aproximando-se mais ou menos de um V puro ou de um N puro (cf. Pompei 2004: 6).

Mesmo dentro do quadro teórico generativista, diferentes propostas têm sido avançadas, numa tentativa de colmatar as insuficiências da classificação tradicional. Idealmente, o sistema de classificação deveria explicar propriedades comuns a diferentes

⁸ A preposição, ao contrário das outras categorias, não pode, sozinha, figurar como núcleo de um PP, necessitando, obrigatoriamente, de um complemento. P é, para alguns autores (Baker, e.o.), uma categoria funcional, e não lexical.

⁹ Atualmente assume-se, de forma consensual e generalizada, que o D projeta, sendo núcleo de um DP (Abney 1987). No entanto, por não ser relevante para a apresentação dos dados referidos, irei, aqui, manter NP.

categorias, mas também os contextos em que uma dada categoria pode ocorrer e outra não, e ainda as diferenças na estrutura interna das palavras (cf. Baker 2003a: 17).

Neste sentido, Baker (2003a) propõe uma classificação baseada no sistema de traços de Chomsky, mas que, em vez de assentar numa sistematização das semelhanças entre as categorias, se fundamenta em diferenças de natureza sintática. Segundo a proposta deste autor, as distinções entre N, V e A definem-se em termos das suas propriedades sintáticas. Por exemplo, a categoria V diferencia-se de N e A, na medida em que apenas V admite um especificador. Do mesmo modo, N distingue-se de V e de A por ser a única categoria a possuir índice referencial. No que diz respeito a A, uma vez que não seleciona especificador nem tem índice referencial, seria classificado como [-N, -V]¹⁰. Esta seria, pois, a propriedade distintiva de A, uma vez que, segundo Baker, a preposição não pertence às categorias lexicais.

Outra proposta de classificação categorial é avançada por James Blevins, em *Remarks on gerunds* (2003). Partindo da perspectiva de que algumas formas (nomeadamente gerúndios e participios do inglês) se situam na fronteira entre diferentes classes de palavras, Blevins considera que o carácter híbrido destas formas reflete neutralidade e subespecificação categorial¹¹. Por esta razão, considera que o sistema de classificação categorial delineado por Chomsky não dá conta de formas como o gerúndio e defende a necessidade de se acrescentar mais uma categoria básica ao sistema. Aos traços +/- N e +/- V, Blevins propõe que se acrescente o traço +/- A, assumindo que estes traços poderão corresponder, respetivamente, à realização das noções semânticas de objetos, ações e propriedades, tal como sugeridas por autores como Croft (1991)¹².

Relativamente a esta questão, importa ainda referir a perspectiva da morfologia distribuída, modelo não lexicalista que assume que as operações que formam as frases são as mesmas que ocorrem na formação de palavras e que assenta em três pressupostos: (i) a existência de uma componente morfológica da gramática; (ii) a sintaxe manipula traços e não palavras (cada terminal sintático contém apenas um conjunto de traços/morfemas) e (iii) a inserção lexical é feita tardiamente, em função da estrutura sintática (Halle &

¹⁰ Na proposta de Baker, isto significa que os adjetivos não são nem inerentemente predicativos, como os verbos, nem inerentemente referenciais, como os nomes. Segundo este autor (e aqui, ao contrário do que faz relativamente ao nome e ao verbo, Baker afasta-se da perspectiva funcionalista de Croft, Hengeveld e Bhat), a modificação também não faz parte da natureza básica dos adjetivos, embora estes possam constituir bons modificadores (cf. Baker 2003: 16).

¹¹ Para uma clarificação destas noções de neutralidade e subespecificação categorial, veja-se a análise de Blevins para o inglês: “[...] some cases of gerunds and participles genuinely neutralize the categorial opposition between nouns and verbs, or between verbs and adjectives. On this view, gerunds may contrast with adjectives but are unspecified for the features that distinguish nouns from verbs. Participles may similarly contrast with nouns, but are unspecified for the features that distinguish verbs from adjectives.” (Blevins 2003: 2).

¹² Cf. Blevins (2003: 5).

Marantz 1993; Marantz 1997). Neste modelo, a sintaxe trabalha com traços abstratos, criando uma estrutura sintática hierárquica. Nesta, os nós terminais, especificados com traços morfossintáticos, podem ser de dois tipos – raízes (morfemas lexicais) e elementos gramaticais (morfemas funcionais). As raízes são subespecificadas e são os morfemas com que se relacionam na sintaxe que vão determinar a sua categoria sintática. Assim, por exemplo, para que exista um verbo, a raiz terá de se juntar a uma categoria do tipo *v*.

Para autores como Medeiros (2008), que estuda o participio em português, este modelo permite um tratamento mais económico e completo das formas que apresentam subespecificação de traços morfossintáticos, como é o caso das formas do participio passado do português, em que a terminação *-do* aparece em diversos contextos sintáticos (tempos compostos, passiva, adjetivos, nomes). O autor assume, neste caso, a existência de um item /d/, subespecificado, que pode realizar núcleos flexionais distintos.

2.2. FORMAS NÃO FINITAS: PROPRIEDADES VERBAIS E NOMINAIS

As formas verbais não finitas – infinitivos, participios e gerúndios – situam-se na fronteira entre diferentes categorias¹³, uma vez que apresentam, ao mesmo tempo, propriedades típicas dos verbos, mas também das categorias nominais. Gerúndios e participios são, aliás, formas comumente usadas como exemplo para ilustrar que um sistema binário de traços na distinção das categorias lexicais não é suficiente.

A ideia de uma clara distinção entre as diferentes categorias parece ser contrariada pela existência de elementos lexicais cuja combinação de traços desafia esta forma de classificação. Participios, gerúndios e infinitivos constituem um exemplo desta dificuldade (cf. Koskinen 1998: 2). Normalmente desprovidas de flexão de tempo e pessoa, estas formas opõem-se às formas conjugadas do paradigma verbal, o que acaba por limitar o seu funcionamento sintático – por um lado, não podem estabelecer relações de concordância com um sujeito¹⁴ e, por outro, são incapazes de exprimir, por si mesmas, uma referência

¹³ A ideia de que existem *categorias híbridas* ou de que podemos assumir um *continuum* nome-verbo em que se movem as categorias lexicais, embora bastante generalizada, não é defendida por todos os autores dentro do quadro teórico da gramática generativa. Veja-se o que afirma Baker sobre esta questão: «The quasi-continuous view of lexical categories does not fit well with formal generative theories, however, which depend on discrete features of various kinds. If adjectives are +N,+V and verbs are +V,-N (Chomsky 1970), then there is no clear possibility of a category that lies between the two.» (Baker 2003b: 4).

¹⁴ O caso do infinitivo flexionado do português constitui uma exceção no quadro das formas não finitas.

temporal específica. Como consequência, excetuando alguns casos especiais¹⁵, não podem constituir orações independentes, surgindo, por isso, associadas a outros verbos, quer auxiliares, quer principais (cf. Hernanz 1999).

Simone & Pompei (2007), assumindo a existência de um *continuum* entre verbo e nome, e mobilidade entre as duas categorias, referem infinitivos, participios e gerúndios como exemplos de formas verbais com propriedades nominais (do mesmo modo que nomes deverbais são exemplos de nomes com propriedades verbais). Para os autores, esta mobilidade entre N e V manifesta-se de várias maneiras e as propriedades que as categorias partilham são, ao mesmo tempo, semânticas e gramaticais. Como se movem numa escala, V e N podem adquirir mais ou menos traços nominais e verbais, pelo que os autores falam de graus de ‘nominalidade’ e de ‘verbalidade’, sendo que a força referencial é o maior grau de ‘nominalidade’ e a força predicativa (ou a capacidade de constituição de um predicado) o maior grau de ‘verbalidade’. Como propriedades associadas à força predicativa, os autores enunciam temporalidade, aspetualidade, modalidade, estrutura argumental, voz e modificação adverbial, e defendem que podemos encontrar estas propriedades nas formas não finitas.

Quando, por exemplo, referem o infinitivo nominal de línguas como o italiano, o português e espanhol, os autores mostram que este pode ser precedido de especificador nominal, apresentando, contudo, um comportamento sintático próprio do verbo (conserva, por exemplo, a estrutura argumental das formas finitas do verbo).

2.3. FORMAS NÃO FINITAS EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

Como já referido, as formas verbais não finitas, ou formas nominais do verbo, são aquelas que podem apresentar um comportamento verbal ou nominal. No latim, estas formas funcionavam ora como substantivos verbais (infinitivo, gerúndio, supino), ora como adjetivos (particípio, gerundivo). Ricas e complexas na língua latina, as formas nominais do verbo passam às línguas românicas com muitas reduções.

Em português europeu contemporâneo, há três formas verbais não finitas – infinitivo, gerúndio e participípio (passado) –, também designadas de formas nominais do

¹⁵ No caso do português, podemos referir os seguintes exemplos já apresentados por Lobo: i) orações imperativas (*Andando!*; *Fechar a porta já!*) e ii) orações reduzidas em situação de relato, epígrafe ou legenda (*Comendo a esta hora?!*; *Ronaldo a marcar o primeiro golo da noite!*).

verbo, seguindo a gramática tradicional. De acordo com Cunha & Cintra (1997), estas formas caracterizam-se por não exprimirem tempo, nem modo, pelo que o seu valor temporal e modal depende sempre do contexto em que ocorrem.

No entanto, estudos mais recentes sobre as formas não finitas dos verbos têm mostrado diferenças no seu funcionamento, trazendo à discussão questões relacionadas com a finitude e a defetividade destas formas e seus diferentes (sub)tipos.

Brito (2012), que distingue três tipos de nominalização do infinitivo em português, refere, por exemplo, propostas de diversos autores que assumem que os infinitivos projetam a categoria Tempo, ainda que possa tratar-se de um Tempo defetivo¹⁶. Também Lobo (2006) aponta que as diferenças de comportamento que se registam entre diferentes estruturas gerundivas podem ser explicadas se admitirmos, nestas estruturas, a existência de uma categoria T, que interage de modo distinto com o Tempo da oração matriz¹⁷. No que diz respeito aos participípios, além da dificuldade em classificar certas formas como verbos ou como adjetivos, trabalhos recentes têm posto em causa a distinção clássica entre passivas verbais e passivas adjetivais, por considerarem que esta classificação não dá conta das propriedades dos participípios que figuram nestas e em outras construções participiais (cf. Duarte & Oliveira 2010).

As formas não finitas do português contemporâneo surgem associadas a diferentes morfemas (infinitivo – *cantar*; gerúndio – *cantando*; participípio passado – *cantado*) e apresentam comportamentos distintos, e que foram mudando ao longo da história do português¹⁸.

Além dos diferentes morfemas, estas formas não finitas exibem morfologia de concordância distinta. Assim, temos, em português:

- (i) **infinitivo não flexionado**, invariável (*amar*);
- (ii) **infinitivo flexionado**, com flexão de pessoa (*amar, amares, amarmos, amarem*);
- (iii) **gerúndio**, invariável no português padrão¹⁹ (*amando*);
- (iv) **participípio passado ativo**, invariável (*amado*);
- (v) **participípio passado passivo**, com flexão de género e número (*amado, amada, amados, amadas*).

¹⁶ A autora refere Stowell (1981) e Martin (2001) e, para o português europeu, os trabalhos de Ambar (1998) e Duarte (2003), entre outros (Brito 2012: 103).

¹⁷ A ideia de que as formas de gerúndio são portadoras de traços de tempo já tinha sido avançada em trabalhos anteriores, nomeadamente no trabalho de Leal, em que o autor afirma que as “formas gerundivas são, na maior parte dos casos, dotadas de informação temporal” (Leal 2001: 170).

¹⁸ Alguns aspetos desta mudança são apresentados mais à frente, na secção 2.4.

¹⁹ Conforme já descrito e analisado por Lobo (2000; 2003), em português dialetal é ainda possível registar a existência de um gerúndio flexionado, com morfologia de pessoa (*amandos, amândomos, amandem*).

Relativamente à distribuição sintática, as formas verbais não finitas do português contemporâneo têm, em grande medida, uma distribuição complementar. Vejamos com mais detalhe alguns aspetos dessa distribuição e das propriedades destas formas, assim como algumas questões em torno delas.

2.3.1. O INFINITIVO

Em português contemporâneo, os infinitivos podem ocorrer: em complexos verbais selecionados por verbos (semi)auxiliares, como *ir, poder, dever* (cf. (1)), em orações com função de sujeito (cf. (2)), em orações com função de complemento (cf. (3)), em orações adjuntas introduzidas por preposição ou expressão adverbial (cf. (4)), e em orações com infinitivo preposicionado (PIC) com função predicativa ou como modificador (cf. (5)). Quando ocorrem em orações com função de modificador, os infinitivos são sempre introduzidos por preposição (cf. (6) e (7)).

(1) Vou **praticar** desporto.

(2) [**Praticar** desporto regularmente] faz bem à saúde.

(3) A Rita detesta [**praticar** desporto de manhã].

(4) Ela sente-se bem [depois de **praticar** desporto].

(5) O Pedro viu a Rita [a **praticar** desporto].

(6) *A Rita sente-se bem [**praticar** desporto].

(7) * [A Rita **praticar** desporto], a dor nas costas melhorou.

As orações infinitivas funcionam como categorias nominais, ocorrendo em contextos característicos de sintagmas nominais (sujeito, objeto direto, objeto preposicionado ou complemento de preposição). Devido à possibilidade de nominalização dos infinitivos, o seu estatuto categorial tem sido analisado e discutido para diferentes línguas, através do trabalho de diversos autores.

De acordo com Brito (2012: 99), “há, pelo menos, duas formas distintas de nominalizar o infinitivo, uma com mais propriedades nominais [...] e outra com mais propriedades verbais”. A autora distingue *infinitivos nominais* (*O cantar dos Alentejanos causa-me emoção.*) de *nominalizações de orações infinitivas* (*O ter ela escrito esses poemas não me espantou.*) e propõe, na linha de investigação de autores como Alexiadou (2001),

um terceiro tipo (misto) de construção infinitiva – uma *oração infinitiva reduzida*²⁰ (*Esse teu contínuo gritar é irritante.*)²¹.

O infinitivo nominal, que apresenta as propriedades associadas a nomes, denota um processo e o morfema *-r* (de tipo derivacional), que em vez de exprimir tempo exprime imperfetividade, junta-se a bases atéticas, não pluralizando²².

Segundo a autora, o infinitivo que, na literatura, aparece frequentemente designado como *infinitivo verbal* é um caso de nominalização frásica (nominalização de CP), com sujeito expresso ou nulo, com infinitivo flexionado, e que admite auxiliares e negação. É, pois, um tipo de construção com mais propriedades verbais e com propriedades frásicas, com projeção de tempo (o morfema *-r* de infinitivo, de tipo flexional, é projetado em Asp e sobe com o Aux ou com o V para T e C).

O terceiro tipo de construção infinitiva apontado por Brito (oração infinitiva reduzida) é também uma construção mista, ainda que com menos propriedades verbais do que a nominalização de oração infinitiva, e pode exprimir tempo, pelo que é entendida como nominalização de TP.

As três formas aqui enunciadas distinguem-se, segundo a autora, dos infinitivos lexicalizados como nomes (*o nascer do dia*), que não possuem propriedades verbais ativas (cf. Brito 2012: 118).

2.3.2. O GERÚNDIO

Em português europeu contemporâneo, os gerúndios podem ocorrer: em complexos verbais selecionados por verbos como *ir* e *vir* (cf. (8)), em orações adjuntas como modificador de predicado (cf. (9)), em orações adjuntas como modificador de frase (cf. (10)), e com função predicativa, em alguns dialetos (cf. (11)). Ao contrário do que acontece com as formas *-ing* do inglês, em português, os gerúndios não ocorrem em posição de complemento (cf. (12)), nem após preposição (cf. (13)).

²⁰ A ideia de que pode haver diferentes graus de defetividade em estruturas infinitivas selecionadas por diferentes subclasses de verbos já aparece em trabalhos como o de Gonçalves (1999), considerando, em particular, diferentes tipos de predicados complexos.

²¹ Exemplos de Brito 2012: 99, 115.

²² Brito refere certos contextos (forma de plural simples do argumento genitivo; modificadores aspetuais que forçam leitura de processo durativo, não delimitado) em que é possível a junção deste morfema a verbos transitivos ou de alternância.

- (8) Ela foi **relatando** o que o irmão tinha feito.
- (9) Eles entraram na sala [**saltando** uma janela].
- (10) [**Estando** a criança doente], a mãe não pode ir trabalhar.
- (11) A Rita sente-se bem [**praticando** desporto].
- (12) *Prefiro [**correndo** ao fim da tarde].
- (13) *Só vais melhorar das costas [depois de **praticando** desporto].

As orações gerundivas do português europeu apresentam características particulares que têm levantado algumas questões e gerado alguma controvérsia.

Lobo (2006) caracteriza o gerúndio do português europeu, bem como as construções oracionais em que este ocorre, comparando-o (e comparando-as) com outras estruturas, quer do português europeu, quer de outras línguas. A autora defende que, tanto pela sua natureza, como pela sua distribuição, o gerúndio e as construções em que este ocorre se distinguem de outras estruturas não finitas e finitas do português e também das formas *-ing* do inglês: as gerundivas do português não ocorrem em posição argumental²³ e não originam nominalizações.

O gerúndio do português europeu tem, portanto, características e valores específicos, uma vez que as gerundivas não podem ser introduzidas por conectores que tipicamente introduzem orações finitas, nem por conectores preposicionais. No entanto, admitem conectores adverbiais, como *mesmo* ou *embora* e apresentam também uma exceção no que diz respeito à impossibilidade de ocorrerem com conector preposicional – gerundivas introduzidas por *em*²⁴.

Contrariamente ao que acontece com as orações finitas e infinitivas do português europeu, Lobo considera que “as orações gerundivas adjuntas” têm “um carácter intrinsecamente predicativo ou verbal” e que esta característica específica do gerúndio se reflete “na especificação das categorias funcionais que constituem a expansão do gerúndio” (Lobo 2006: 4). A autora propõe que, contrariamente ao que acontece com orações finitas e infinitivas, não existem traços nominais no domínio funcional das gerundivas.

De acordo com a proposta de Lobo (2006), distinguem-se: (i) gerundivas como adjunto nominal, que funcionam como modificador restritivo e equivalem a uma relativa;

²³ Nos contextos em que a gerundiva parece ocorrer em contexto argumental (como sujeito de verbos predicativos ou como complemento de verbos percetivos ou de representação), a autora considera que “estamos perante uma oração reduzida, em que o gerúndio funciona como predicado, e não perante uma oração plena” (Lobo 2006: 3).

²⁴ Na linha de autores como Brito (1984) e Ambar (1988), Lobo admite que *em* é um conector sem o estatuto de P, correspondendo antes a um operador temporal, o que é reforçado pelo facto de este conector favorecer a ordem SV, não aceitável na ausência de *em*.

(ii) gerúndios como parte de perífrase verbal; (iii) gerundivas predicativas e (iv) gerundivas adjuntas.

As gerundivas predicativas funcionam como orações pequenas ou predicados secundários, funcionalmente defetivos. As gerundivas adjuntas (orações subordinadas adverbiais) diferem das predicativas por terem, de acordo com a autora, um comportamento típico de uma oração plena (CP, categorialmente), funcionando como adjunto de predicado ou de frase. As gerundivas predicativas distinguem-se das adjuntas porque as primeiras manifestam restrições à classe aspetual do verbo (estados não faseáveis não podem ocorrer com estas gerundivas), são as únicas em que o gerúndio pode ser substituído por *a+infinitivo* (sem que haja alteração do valor aspetual)²⁵, e não ocorrem tão facilmente em posição inicial.

Dentro das gerundivas adjuntas, Lobo (2006) distingue ainda entre integradas e periféricas, quer pelo diferente comportamento²⁶, quer pelas propriedades internas, diferentes em cada uma das estruturas²⁷, concluindo que os contrastes existentes entre elas sugerem que os dois tipos de gerundivas adjuntas têm posições distintas na estrutura da frase. Assim, os contrastes entre estas estruturas sugerem que as integradas ocupam uma posição mais baixa na estrutura da frase, uma posição interna ao domínio de IP, enquanto as periféricas parecem ocupar uma posição mais elevada na frase, em adjunção a CP ou IP.

A autora reflete sobre a relação que se estabelece entre esta diferença estrutural e as diferenças que existem entre integradas e periféricas ao nível da categoria T. Uma vez que T da subordinada estabelece uma relação de Concordância com T da oração principal, T da integrada será obrigatoriamente dependente de T da oração principal. Daí que as gerundivas integradas não permitam interpretação de anterioridade ou posterioridade relativamente a T da principal, nem admitam o gerúndio composto. Ao contrário, estas

²⁵ Mória e Viotti (2004) referem exemplos de gerundivas adverbiais em que o gerúndio pode ser substituído por *a+infinitivo*, considerando que as restrições a esta substituição se prendem com restrições temporais e aspetuais da própria construção. Pelo contrário, Lobo considera que a construção com *a+infinitivo* não é equivalente à do gerúndio, nem ao nível estrutural, nem ao nível semântico, na medida em que (i) só a gerundiva adjunta admite sujeito lexical, (ii) a construção de *a+infinitivo* não tem interpretação condicional (apenas temporal) e (iii) só a gerundiva adjunta pode ter uma especificação temporal diferente da que a oração matriz apresenta.

²⁶ Segundo Lobo (2006: 7-10), só as gerundivas adjuntas integradas podem ser clivadas, estar sob o escopo da negação da oração principal (e de advérbios de foco) e constituir resposta a interrogativas-Qu; só estas permitem construções interrogativas e negativas alternativas; as adjuntas integradas ocupam tipicamente a posição final sem rutura entoacional anterior, enquanto as periféricas aparecem tipicamente em posição inicial (podem ocorrer em posição final, mas de forma marcada).

²⁷ As gerundivas adjuntas integradas não admitem sujeitos plenos; não admitem sujeitos nulos pragmaticamente identificados, nem sujeitos expletivos; não podem ter interpretação de tempo anterior, de concessão ou de causa; não admitem facilmente o gerúndio composto e não admitem especificação temporal distinta da que a oração principal apresenta (cf. Lobo 2006: 10-15).

interpretações são possíveis nas periféricas, uma vez que T da periférica não estabelece relação de Concordância com T da oração principal, pois este não o c-comanda.

2.3.3. O PARTICÍPIO PASSADO

Os participios passados do português contemporâneo podem ocorrer: em complexos verbais selecionados pelo verbo *ter* (tempos compostos) (cf. (14)), em estruturas passivas com auxiliar *ser* (cf. (15)), com função predicativa com verbos copulativos como *estar*, *andar*, *ficar* (cf. (16)), como modificador (cf. (17)), em orações absolutas (cf. (18)).

(14) Ela tem **lido** muitos livros em francês.

(15) Os trabalhos dele foram **editados**.

(16) O escritório não estava **arrumado**.

(17) As cartas **escritas** no século XVII fazem parte do trabalho de investigação.

(18) **Terminada** a tarefa, fizemos uma pausa.

O participio passado tem sido, muitas vezes, definido como uma forma verbal que pode ter funcionamento de adjetivo. De facto, a par do seu funcionamento puramente verbal (junta-se ao auxiliar *ter* para formar complexos verbais, exprimindo valor temporal e aspetual), pode também ocorrer em estruturas predicativas, predicando sobre grupos nominais e pronomes (*A Maria/Ela é bastante organizada.*) com os quais estabelece concordância de género e número. Além disso, há construções em que, funcionando como modificador adnominal, não exprime relação temporal (*Com o pescoço esticado, espreitava para lá do muro.*), confundindo-se com o adjetivo (cf. Cunha & Cintra 1997: 493). Por esta razão, alguns autores preferem uma terminologia que dê conta destes funcionamentos distintos, referindo-se a *participio passado verbal* e a *participio passado adjetival* (ou *adjetivo verbal*), como Barreiro (1998).

A questão da natureza categorial dos participios não é nova e continua, nos dias de hoje, a motivar estudos e discussões, dentro de quadros teóricos diferentes. Brito (2003: 374-375) apresenta uma análise que engloba as características nominais (adjetivais) e verbais do participio. Considerando que muitos participios verbais têm um comportamento sintático próprio dos adjetivos (surgem em posição predicativa ou atributiva e podem ser modificados por advérbio de grau), a autora lista algumas propriedades do participio que o aproximam de adjetivos. Assim, o participio apresenta

marcas de género e número; pode ser substituído por clítico demonstrativo *o* em frases predicativas; alguns dos seus complementos podem, tal como acontece com os de determinados adjetivos, ser substituídos por *lhe*; podem surgir em estruturas com sentido restritivo e apositivo; e certos participios admitem, ainda, formação de diminutivo. Pelo contrário, o facto de os participios poderem ser acompanhados por advérbios temporais/aspectuais e de não poderem aparecer em posição pré-nominal afasta-os dos adjetivos e atesta a sua natureza verbal. Assim, e seguindo Bosque (1990), Brito refere que, se as formas não admitem esses advérbios (**uma mulher recentemente ocupada*) e podem ocupar posição pré-nominal (*uma autorizada opinião*), então elas são adjetivos, e não participios.

Além da problemática em torno da categorização, estrutura funcional, ordem de palavras, padrões de concordância e valor aspetual são algumas das questões que os participios colocam. Tal complexidade das formas participiais motivou, em estudos recentes, uma nova tipologia para os participios. Embick (2004) propôs uma tipologia tripartida, distinguindo entre participios eventivos (que ocorrem nas passivas verbais), participios resultativos (com verbos como *ficar*) e participios estativos (que, de acordo com a classificação clássica, faziam parte das passivas adjetivais), dado que, segundo este autor, a distinção tradicional entre passivas verbais e passivas adjetivais não dá conta das propriedades das formas de participio que nelas ocorrem. Duarte & Oliveira (2010), tendo percebido que os dados do português (por se tratar de uma língua com participios duplos e com distinção entre *ser* e *estar*) demonstravam evidências a favor da distinção proposta por Embick, adaptaram a sua tipologia para o português europeu.

2.4. UM OLHAR PELO PORTUGUÊS ANTIGO

No português antigo, as formas de gerúndio, de infinitivo e de participio podiam ocorrer em contextos sintáticos diferentes dos do português contemporâneo.

Fiéis & Lobo (2010; 2011) sistematizam os contextos em que, no português antigo, ocorriam as formas de gerúndio e de infinitivo, mostrando que, em muitos deles, e contrariamente ao que acontece no português contemporâneo, estas formas tinham uma distribuição parcialmente equivalente. Assim, podiam encontrar-se quer gerúndios, quer infinitivos²⁸:

²⁸ Os exemplos apresentados são retirados de Fiéis & Lobo (2011).

- (i) em orações adjuntas introduzidas por *sem*
- a. [...] e quiserem mudar ou tornar essas merchandias de cada hũa dessas Naues ou Nauios en outros que o possam ffazer **sem pagar** dereito nenhũu e envia los a qualquer Logar que eles quiserem [1340-1344 CDA3-415]
- b. Tenho por bem que o possam fazer **sem pagando** dizima nem outro dereito nenhũu [1340-1344 CDA3-415]
- (ii) em orações introduzidas por *ao* (construção quase inexistente com o gerúndio, mas produtiva com o infinitivo)
- a. E os tempos em que lhe devem de dar, som estes: hũũ **ao aballar**, pera o fazer entrar naquele galope ou correr como lhe mais praz que leve [...] [1437/1438 LEBC]
- b. [...] cheguelhe as sporas **ao aballando**, e façao parar, e prove de o voltar a hũa mão e aa outra. [1437/1438 LEBC]
- (iii) em orações complemento introduzidas por *em*
- Ha grande trabalho **e~ gaanhar** as riquezas e ha temor **enas possuir** e door **e~ perdendo-as**. [séc.15 OE]
- (iv) em orações adjuntas introduzidas por *em*
- a. E podiom veer tras si. e non tan sóomete era acrecetameto a alma **em o veer**. [séc. XIII/XIV VS5]
- b. E, **em andando** assy buscando, acharõno e a mayor espesura antre os mortos. [séc. XIV CGE]
- (v) em orações completivas não preposicionadas
- a. [...] ca **mais val tomando poucos caães** sem lhes fazendo mal **que tomar muytos** fazendo-lhes a tal tempo mal como aquelles que non erram de fazer aquello que am-de fazer [séc. XIV LM]
- b. [...] ca **pareciam estando enno campo V mil tendas** cabedaaes, afora os tendilhões [séc. XIV CGE]

Conforme podemos observar nos exemplos apresentados, no português antigo há contextos de alternância entre gerúndio e infinitivo. Nestes casos não é claro que haja diferenças interpretativas entre a construção com gerúndio e a construção com infinitivo, pelo que estas duas formas pareciam funcionar como variantes livres. No entanto, ambas ocorrem também noutros contextos, em que essa variação não se verifica (cf. Fiéis & Lobo 2011). Em português europeu contemporâneo, não há sobreposição de contextos de infinitivos e gerúndios.

As autoras salientam alguns aspetos relevantes na comparação entre gerúndios e infinitivos e nas diferenças que se verificam entre o português antigo e o português contemporâneo. No que diz respeito à compatibilidade com sujeitos, por exemplo, as gerundivas adjuntas introduzidas por *em* e por *sem* podiam, no português antigo, ter sujeito expresso (pré e pós verbal), o que permite concluir que eram orações plenas. As infinitivas introduzidas por *em*, pelo contrário, só ocorrem com sujeitos nulos, controlados

por um antecedente. Uma vez que todas as gerundivas consideradas podem ocorrer com sujeitos lexicais, as autoras concluem que a diferente distribuição do gerúndio no português antigo e no português contemporâneo não pode ser atribuída a diferenças na estrutura funcional destas construções, propondo que as diferenças verificadas poderão, então, dever-se a especificações mais finas de traços das categorias funcionais (cf. Fiéis & Lobo 2011: 262).

Relativamente às formas de particípio passado, registam-se também diferenças quanto ao seu funcionamento e distribuição sintática, se compararmos o português antigo e o português europeu contemporâneo.

Até ao século XVI era possível encontrar participípios da 2.^a conjugação com terminação *-udo* (*teudo, sabudo, recebudo*), evoluindo depois para a terminação *-ido* da 3.^a conjugação. No português antigo, o particípio passado mostrava também um comportamento sintático diferente. Podia juntar-se aos verbos *ter* e *haver*, num conjunto de construções participiais em que *ter* e *haver* alternavam entre verbo pleno (valor possessivo) e verbo auxiliar, e em que o particípio oscilava, respetivamente, entre valor adjetival e valor verbal. Estas estruturas apresentavam, muitas vezes, particípio flexionado, à semelhança das construções passivas com *ser* e *estar* (cf. Mattos e Silva, 1989; 2008). Também Brandão (1963: 478) faz referência a esta característica, afirmando que, em estádios mais antigos da língua, «o particípio perfeito empregado com os auxiliares **ter** e **haver** para a formação dos tempos compostos de verbos transitivos variava, para concordar com o objecto direto, como em francês» e acrescenta que, com «os verbos intransitivos, era freqüente, para a formação dos tempos perfeitos, o emprêgo do verbo **ser**, com o qual o particípio passado forçosamente tinha de concordar [...]».

Podemos sistematizar a distribuição do particípio passado no português antigo recorrendo, por exemplo, às ocorrências recolhidas por Bacarat²⁹ (2010) nas *Cantigas de Santa Maria*. Nestas, o particípio passado ocorre:

(i) como predicativo, quer predicando diretamente um NP, quer ocorrendo com *ser, estar, ficar*, em estruturas diferentes

- a. Ca viron o ciro pasqual **queimado**
muito dũa parte e mui **menguado**;
(CSM211)

²⁹ Uma vez que pretendo um breve resumo dos contextos em que ocorrem as formas de particípio presente (e também porque nem sempre estou de acordo com as opções tomadas pela autora na classificação das estruturas com particípio), usarei apenas alguns exemplos recolhidos por Bacarat (outros foram recolhidos por mim), sendo a sistematização aqui apresentada diferente da que a autora propõe e, portanto, da minha responsabilidade.

- b. E porque dest' os crischãos non **eran apercebudos**,
passou el come a furto con muitos mours barvudos;
(CSM215)
- c. E non queiras que eu moira a gran tort' e sen dereito,
mas o feito desta cousa per ti **seja escolleyto**.
(CSM213)
- d. E **estand'** assi **tolleitos**, cada un se repentiu
muit' e a Santa Maria logo mercee pediu.
(CSM248)
- e. "D' aqui entrar es quito,
Joachin; poren vay-te, pois de Deus es maldito,
que te non quis dar fillo, ca assi **é escrito**;
(CSM411)
- f. E quando viron a torre que era toda cav[a]da
e viron ontr' as amẽas aquela mour' assentada,
semellou-lles a omagen de com' **está fegurada**
a Virgen Santa Maria que ten seu Fill' abraçado.
(CSM265)
- g. **Ficou** aquel menynno **viv'** e tan ben **guarido**
que sol non parecia per u fora ferido.
(CSM241)

(ii) na formação de complexos verbais (tempos compostos)³⁰

- a. Onde ll' avẽo un dia que de ssa casa **saydo**
foi el con sas mercaduras;
(CSM213)
- b. Dest' un fremoso miragre fez Santa Maria
en Chartres por hũa moller que **jurad' avia**
que non fezesse no sábado obra sabuda
(CSM117)
- c. Como Santa Maria livrou da morte un judeu que **tiinnam preso**
hũus ladrões, e ela soltó-o da prizon e feze-o tornar crischão.
(CSM085)

(iii) em construções absolutas

- a. Diss' un demo: "Ca meus
sodes e punnades de me servir
[...]
Esto dito, fagiu o judeu;
(CSM109)

³⁰ Estas estruturas apresentam sentido ativo e ocorrem quer com verbos transitivos, quer com intransitivos (estes com auxiliar *ser*, segundo Brandão 1963). De acordo com Cardoso & Pereira (2003: 175), *ter* e *haver* podiam, ambos, funcionar como auxiliares de tempo composto no português antigo, mas havia uma clara preferência pelo verbo *haver*, neste tipo de construção.

b. A oraçon acabada, colleu en ssi grand' esforço e foi aa bescha logo
e deu-ll' hũa espadada con seu espadarron vello [...]
(CSM189)

Todas estas construções apresentam ordem de palavras bastante variável, podendo o auxiliar ocorrer antes (*E pois aquest' **ouve dit'***) ou depois (*cuidavan que **mort' era***) da forma participial, por vezes com o objeto direto entre as duas formas verbais (*ca Deus **oyda a ta oraçon ouve***).

No português antigo, a distribuição sintática das formas não finitas não era, então, tão clara como hoje, ocorrendo contextos de sobreposição entre as diferentes formas. Além disso, o comportamento sintático (e semântico) destas formas não era, em muitos contextos, igual ao do português europeu contemporâneo.

A par destas formas acima tratadas, era ainda possível encontrar formas de particípio presente com funcionamento verbal (cantante). São formas que apresentam flexão de número (-nte/-ntes) e um funcionamento por vezes próximo do funcionamento dos gerúndios e dos infinitivos, com os quais aparece, não raras vezes, em variação livre.

São precisamente estas formas de particípio presente, principalmente as que apresentam um comportamento verbal, que irão ocupar os próximos capítulos deste trabalho.

3. O PARTICÍPIO PRESENTE

Os participios têm dupla natureza, pois são, ao mesmo tempo, formas verbais e nominais. Esta ambiguidade das formas participiais, já reconhecida e atestada pelos gramáticos antigos, é resultado das propriedades das categorias verbais (como voz e tempo), mas também das categorias nominais (como flexão de género, número e caso) que os participios apresentam. A um nível morfossintático, a natureza adjetival do participio faz-se também sentir (distinguindo-o do funcionamento de um nome), através da concordância que estabelece com um núcleo nominal, que modifica (cf. Pompei 2004).

De acordo com Koskinen (1998), os participios são, em muitas línguas, difíceis de classificar, precisamente porque apresentam propriedades de mais do que uma categoria sintática, mas também porque revelam indeterminação quanto às suas propriedades funcionais: muitos participios têm propriedades semânticas de natureza temporal e aspetual, o que sugere uma relação com a categoria funcional Tempo, embora não tenham marcas das categorias tempo, aspeto e modo, nem pareçam partilhar, além desse valor/significado temporal, outras características de T (cf. Koskinen 1998: 3).

O estatuto categorial do participio presente tem sido bastante discutido, uma vez que ocorre, em muitas línguas, não só como verbo, mas também como forma nominal (adjetivo e nome). Tradicionalmente, de facto, os participios (passado e presente) são definidos como adjetivos deverbais. Luraghi (1999: 9) refere esta ambiguidade categorial do participio presente, própria das formas nominais do verbo:

”Il participio infatti, in quanto forma nominale del verbo, presenta un’ambiguità categoriale, condividendo sia il comportamento sintattico dei verbi (può reggere argomenti propri), sia quello dei nomi.”

Em línguas como o português e o espanhol, o funcionamento verbal do participio presente deixou de se verificar (funcionando, nos dias de hoje, apenas como adjetivo e nome), enquanto noutras línguas mantém o seu comportamento verbal – é o caso do inglês, do francês e do italiano³¹ –, ainda que, muitas vezes, esta forma se confunda com outras formas verbais, ou se sobreponha a elas³².

³¹ De acordo com Benincà & Cinque (1991:604), em italiano moderno, o participio presente verbal ocorre apenas em contextos jurídicos e burocráticos, assim como no uso de um registo elevado, na linguagem escrita.

³² Refiro-me, por exemplo, ao problema do estatuto morfológico das formas *-ing* do inglês (*gerunds* e *present participles*) e das formas *-ant* do francês (*gérondif* e *participe présent*).

3.1. O PARTICÍPIO PRESENTE EM DIFERENTES LÍNGUAS

Vejamos algumas propriedades e modo de funcionamento do particípio presente em diferentes línguas, germânicas e românicas.

inglês

De acordo com Alexiadou (2013), as formas *-ing* do inglês moderno com funcionamento nominal (*verbal gerunds* e *nominal gerunds*) têm origem numa forma nominal do inglês antigo (de terminação *-ung*), diferente da forma do *participle* (de terminação *-ende*). Em inglês antigo, tinham, portanto, sufixos distintos e apresentavam funcionamento e distribuição diferentes. Devido a várias mudanças morfofonológicas, as formas nominal e participial acabaram por adquirir terminação idêntica: o sufixo *-ing* aparece nos diferentes contextos. A autora considera a existência de dois morfemas idênticos, e não de um único, uma vez que surgem associados a propriedades semânticas distintas. No entanto, refere que, a partir do momento em que as duas formas não podem mais distinguir-se, acabam por ser confundidas, principalmente porque se verifica influência de uma nas propriedades da outra – a forma nominal adquiriu traços verbais, passando a admitir objetos diretos e a coocorrer com advérbios e auxiliares. Deste contexto de ‘confusão’, terá resultado o aparecimento do *verbal gerund* (cf. Alexiadou 2013: 130-137).

Alexiadou (2013) reconhece, assim, pelo menos três contextos em que o morfema *-ing* do inglês moderno ocorre³³, correspondendo o primeiro desses contextos à formação do *present participle*. Segundo a autora, o *present participle* ocorre³⁴ (i) na formação do progressivo (*John is walking*), (ii) em relativas reduzidas (*The train now standing at Platform 5*), (iii) como complemento de verbos como *begin* e de verbos percetivos (*I saw the wind rustling the leaves*. [Johnson 1988: 593]) e (iv) como modificador atributivo (*As a child he had once been rescued with great difficulty from a burning house*. [Zandvoort 1957: 32]). Lobo (2003) acrescenta um outro contexto em que podemos encontrar o *present participle* – (v) em orações adverbiais, como adjuntos livres ou em construções absolutas, podendo ter sujeito expresso (*Arriving at the station, he found his train gone*. [Zandvoort

³³ Noutro artigo (Alexiadou 2005), a autora refere quatro e não três contextos – o quarto contexto seria o de nominais que, ao contrário dos *nominal gerunds*, não têm um NP como complemento ((1) *They did the destroying*; (2) *a good living, a strong craving, a beating*).

³⁴ Exemplos de (i) e (ii) retirados de Alexiadou 2013: 127; exemplos (iii) a (v) recolhidos em Lobo 2003: 330.

1957: 34]; *The match having been cancelled, the supporters of our team were most disappointed.* [Kortmann 1991: 11]).

Os outros dois contextos de *-ing* correspondem, segundo Alexiadou, ao *verbal gerund* (*John's destroying the book annoyed everybody*) e ao *nominal gerund* (*John's destroying of the book annoyed everybody*)³⁵. As diferenças entre os dois tipos de *gerund* sugerem, segundo a autora, que existe uma escala (de 'verbalidade') entre verbo e nome, com mais ou menos traços verbais, em que estas formas se movimentam, já que o *nominal gerund* apresenta um comportamento típico de N e o *verbal gerund* um comportamento típico de V.

francês

Em francês, existem três formas em *-ant* (*adjectif verbal, participe présent e gérondif*), que nem sempre se distinguem de modo claro³⁶. O particípio presente e o adjetivo verbal em *-ant* têm propriedades de verbo e de adjetivo – o primeiro conserva as suas propriedades verbais (complementação, negação através de *ne...pas*), enquanto o segundo corresponde a uma subclasse de adjetivos qualificativos. Já a terceira forma, o *gérondif* (precedido de *en*, em francês moderno), desempenha função de adjunto e possui algumas características próprias do advérbio.

O particípio presente distingue-se do adjetivo verbal pela forma (o primeiro é sempre invariável e o segundo concorda em género e número com o nome a que se liga)³⁷. No plano sintático, ambos podem ocorrer em posição tipicamente adjetival, funcionando como atributo, adjunto adnominal ou predicativo de OD. No entanto, só o adjetivo verbal pode ser predicativo do sujeito, da mesma forma que só o particípio presente pode ser núcleo verbal de oração participial. Quando tem função de adjunto adnominal, o particípio presente do francês pode corresponder a uma oração relativa com o verbo conjugado (*Une porte communiquant avec la sortie* → *Une porte qui communique avec la sortie*)³⁸. O adjetivo aceita apenas complementos preposicionados e pode ser modificado por advérbio, nomeadamente para exprimir grau comparativo ou intensidade.

Quanto ao sentido, o *participe présent* exprime processo em curso (não concluído) e recebe o valor temporal do verbo da oração principal, com o qual estabelece relação de

³⁵ Exemplos retirados de Alexiadou 2013: 127.

³⁶ De acordo com Riegel *et al.* (1994), só a partir do século XVIII se começa a distinguir o *gérondif* do *participe présent*.

³⁷ Também ao nível ortográfico há marcas que os distinguem: por exemplo, o particípio presente dos verbos terminados em *-quer* e *-guer* conserva a forma gráfica do radical verbal (*-quant* e *-guant*), enquanto o adjetivo verbal correspondente tem uma forma diferente (*communiquant* e *communicant*).

³⁸ Exemplos retirados de Riegel *et al.* 1994: 590.

simultaneidade. O *adjectif verbal*, como os restantes adjetivos qualificativos, exprime estado ou propriedade.

O *geróndif* e o *participe présent* têm características verbais comuns: são invariáveis, têm sempre terminação *-ant* e aceitam complementos do verbo. O sujeito das orações em que ocorrem deve, em francês moderno, ser correferente com o sujeito da oração principal (em francês antigo podia não ser). O *geróndif* é sempre introduzido por *en* e ocorre depois do verbo *aller*. Tem os mesmos valores temporais e aspetuais do *participe présent* – indica um processo em curso, simultâneo ao do processo expresso pelo verbo da principal. Diferencia-se do particípio presente pelo uso obrigatório de *en*. No plano sintático, tal como o particípio é a forma adjetiva do verbo, o *geróndif* é a sua forma adverbial – equivale a um advérbio e assume a função de adjunto, podendo exprimir modo, meio, tempo, causa, condição ou oposição.

sueco

Camilla Thurén (2008) estuda o particípio presente em sueco, defendendo que uma abordagem sintática das categorias lexicais, próxima da morfologia distribuída, pode dar conta das propriedades das formas em *-ande/-ende* da língua sueca. A autora parte, assim, de alguns pressupostos: (1) as categorias lexicais são objetos sintáticos, não primitivos (Baker 2003), (2) as raízes são subespecificadas para as categorias lexicais (Marantz 1997) e (3) os particípios presentes são subespecificados em comparação com os verbos, mas mais especificados do que os adjetivos (Blevins 2005). De acordo com Thurén, o sueco apresenta dois particípios presentes – um verbal e outro adjetival – que se distinguem ainda de formas (com a mesma terminação) que correspondem a verdadeiros adjetivos e a nominalizações.

Em sueco, as palavras em *-ande/-ende* podem ter funcionamento de verbo, de adjetivo e de nome³⁹. Os particípios presentes podem ocorrer, por um lado, como predicados não finitos (ou como predicados secundários, em orações reduzidas) e, por outro, como modificadores de NP. Thurén classifica os primeiros de particípios presentes verbais, uma vez que admitem estrutura argumental própria do verbo correspondente⁴⁰.

³⁹ O sueco não tem gerúndios, logo, as nominalizações em *-ande/-ende* não têm funcionamento verbal, comportando-se como verdadeiros nomes. (Thurén 2008: 158)

⁴⁰ A autora dá como exemplo o particípio presente *visslande*, que aceita complemento nominal, tal como a forma finita do verbo *vissla* [assobiar]:

Kalle gick **visslande** nationalsången över gatan
Kalle go-PAST whistle-ANDE national anthem-DEF across street-DEF
'Kalle crossed the street whistling the national anthem'

Kalle visslade nationalsången
Kalle whistle-PAST nation anthem-DEF
'Kalle whistled the national anthem'
(Thurén 2008: 154-155)

Já os segundos são interpretados como participípios presentes adjetivais (cf. Thurén 2008: 154). Segundo a autora, os participípios presentes verbais distinguem-se dos adjetivais, na medida em que só os primeiros admitem sufixo -s, que funciona, assim, como marcador de estatuto verbal (cf. Thurén 2008: 155), e também só os participípios verbais admitem estrutura argumental verbal. Quanto aos participípios presentes com função adjetival, é possível diferenciar estes dos verdadeiros adjetivos (e de outras formas em *-ande/-ende*, pois, ao contrário dos verdadeiros adjetivos, os participípios presentes adjetivais não podem ser modificados por advérbios de quantidade/intensidade como *mer*, *mycket*, *ganska* e *vädigt* ('mais', 'muito'), nem podem ocorrer como complemento do verbo *vara* ('ser'/'estar'). Além disso, os participípios presentes (quer verbais, quer adjetivais) não admitem prefixo de negação *o-* ('un-', em inglês)⁴¹, e podem ser modificados por advérbios de modo, o que os distingue dos adjetivos com a mesma terminação. Para Thurén, os verdadeiros adjetivos com terminação *-ande/-ende* correspondem a participípios presentes que foram reanalisados como adjetivos.

italiano

Em italiano, o participípio presente pode ter um funcionamento de nome (varia em número), de adjetivo (varia em número e admite graus comparativo e superlativo) e também de verbo (admite complemento nominal e ênclise pronominal). Ao contrário do que acontecia em estádios mais antigos da língua, o seu uso como verbo está hoje reduzido a contextos jurídicos e burocráticos, de registo fortemente formal, bem como a um uso de estilo elevado, nomeadamente poético. Ou seja, o uso verbal do participípio presente parece estar, no italiano moderno, distante da linguagem oral e quotidiana. Apesar disso, ao contrário do que sucedeu com o espanhol e com o português, este uso verbal do participípio presente continua a verificar-se. A produtividade do uso verbal do participípio presente está, no entanto, segundo Benincà & Cinque (1991), limitada por restrições de natureza semântico-aspetual, na medida em que este uso só é possível com verbos que designam propriedades permanentes⁴².

O participípio presente com valor verbal mantém, no italiano de hoje, as suas propriedades nominais – apresenta estrutura aparente de um adjetivo, pois flexiona em número, com terminação *-e/-i* (*le persone aventi diritto*), ou de um adjetivo substantivado,

⁴¹ Alguns verbos constituem exceções e admitem negação com prefixo *o-* (*ogilla* [dislike]; *oroa* [worry]) (Thurén 2008: 157).

⁴² Segundo os autores, o facto de o participípio presente verbal exprimir propriedade permanente verifica-se pela impossibilidade de o verbo ocorrer na perifrástica do progressivo, com *stare* + *gerundio*. Intimamente relacionada com esta questão está a incapacidade de um participípio presente verbal exprimir tempo preciso. Daqui decorre ainda a impossibilidade de existir um participípio presente composto, pois os tempos compostos têm valor de tempo concluído e definido (cf. Benincà & Cinque 1991: 605).

admitindo determinação (*gli aventi diritto*)⁴³. Distingue-se do particípio adjetival e dos outros adjetivos também por poder, ao contrário destes, ser modificado por advérbios de negação descontínuos (do tipo de *non...mai*)⁴⁴.

Quando a forma participial deriva de um verbo transitivo (direto), distingue-se claramente entre valor verbal e nominal do particípio, na medida em que só o particípio presente verbal admite complemento nominal sem preposição (*la legge obbligante il ragazzo al servizio militare/*del ragazzo al servizio militare*⁴⁵). No entanto, se a forma participial provém de um verbo transitivo (indireto) regido de preposição também nas formas finitas, torna-se mais difícil distinguir uso verbal de adjetival do particípio presente. O mesmo acontece quando temos verbos intransitivos.

Benincà & Cinque (1991: 607-608) sistematizam, assim, as propriedades do particípio presente adjetival que não se verificam no uso verbal desta forma. Em suma, o particípio presente, quando tem funcionamento de adjetivo, pode ocorrer em posição prénominal, pode ser modificado por advérbio e pode constituir predicado de um verbo copulativo. Quando possui valor de verbo, corresponde, normalmente, a uma oração subordinada adverbial ou a uma oração reduzida, equivalente a uma relativa.

espanhol

No seu trabalho sobre os traços verbais e nominais do particípio, Pompei (2004) faz referência à evolução destas formas em diferentes línguas, nomeadamente em espanhol. Assinala que, em espanhol moderno, contrariamente ao que acontecia em estádios mais antigos, já não se verifica a existência de formas *-nte* com comportamento verbal. Assim, o particípio presente espanhol não é mais uma forma ambígua, pois apenas mantém a sua natureza nominal (com funcionamento de N e de A).

Também Murga (1984) fala de uma progressiva perda da carga verbal do particípio presente do espanhol e da tendência para este se ter convertido num adjetivo qualificativo, com possibilidade de, mais tarde, ser substantivado. Essa função verbal acabaria por ser substituída pelo gerúndio ou por outras construções, nomeadamente as orações relativas.

Sáenz (1953) também considera que o particípio presente do espanhol conserva muito pouco do valor participial do seu original latino. No seu artigo, apresenta

⁴³ Exemplos retirados de Benincà & Cinque 1991: 607

⁴⁴ Os autores dão o seguinte exemplo: *le questioni non riguardanti mai il ragazzi vs *i giovani non amanti mai del sacrificio* (Benincà & Cinque 1991: 608).

⁴⁵ Benincà & Cinque 1991: 606

resumidamente o que é dito na Real Academia Española ⁴⁶ sobre esta forma. Refere que, de acordo com esta obra, (1) as formas *-nte*, quando têm um valor verbal, relacionam a sua ação com um nome, tal como as formas finitas relacionam a ação com um sujeito, sem a intervenção de outro verbo; (2) o sujeito do particípio pode estar em qualquer caso; (3) o particípio deve ter o mesmo complemento que a forma finita do verbo; (4) como predicado de *ser*, é adjetivo. O ponto (3) levanta, segundo Sáenz, alguns problemas, uma vez que este princípio só parece verificar-se quando a forma *-nte* é de um verbo intransitivo (e sublinha que todos os verbos apontados como exemplo pela Academia são intransitivos), logo, a correspondência de regência, ou de regime, não é perfeita. O autor afirma que a Academia falha ainda ao não referir a função adverbial do particípio, quando usado com o seu valor verbal⁴⁷, que, embora sem atestações no espanhol moderno, se podia encontrar em antigos textos castelhanos⁴⁸, como comprova através do exemplo retirado da Crónica General de España: *Estando en esto llegó a Halvar Hannez el caballero a quien el rey diera el caballo y las armas entrante en la batalla.*

De acordo com Sáenz, as formas *-nte* perderam, no espanhol moderno, a sua função verbal e são, como as formas em *-dor(a)* e *-ivo(/a)*, por exemplo, adjetivos derivados de verbos, que mantêm, contudo, certa significação ativa.

Deste modo, o espanhol moderno apenas tem, no seu sistema verbal, uma forma de particípio com funcionamento de verbo – o particípio passado, também chamado de particípio passivo. As formas de particípio presente subsistem, tal como em português, apenas como adjetivos e nomes, logo, com caráter nominal. Em estádios mais antigos do espanhol, as formas de particípio presente herdadas do latim tinham ainda um funcionamento verbal, admitindo complemento nominal não preposicionado (hoje apenas aceitam complemento preposicional – *Es muy amante de su familia*). Desse antigo particípio latino, ficaram, no espanhol moderno, formas nominais ou adjetivais de terminação *-ante* (*excitante*), *-ente* (*urgente*) ou *-iente* (*correspondiente*), tendo as funções do antigo *participio del presente* sido, na maior parte das vezes, assumidas pelo *gerundio*.

⁴⁶ Real Academia Española, *Gramática de la lengua española*, Madrid, 1928: 471-474.

⁴⁷ A função adverbial do particípio presente do espanhol é, segundo Sáenz, semelhante à do latim. O autor diz, referindo-se ao latim, que a frase a que o particípio pertence é equivalente a uma oração subordinada que, tal como um advérbio, pode denotar o tempo, a condição, o modo, a causa ou o meio em que se verifica a ação expressa pela oração principal (cf. Sáenz 1953: 291).

⁴⁸ O autor insere nesta função adverbial um exemplo curioso, retirado da Crónica General de España: *La segunda batalla que hizo Asdrubal fué pasante los montes Pirineos*. De acordo com a explicação de Sáenz, não é uma ocorrência de *ser* + particípio (que seria adjetival); este *fué pasante* equivale a “teve lugar” ou “ocorreu”, pelo que devemos interpretar a oração como temporal: *tuvo lugar cuando pasaba éste* (cf. Sáenz 1953: 292).

3.2. O PARTICÍPIO PRESENTE EM PORTUGUÊS, ANTES E AGORA

O participío presente, em *-ns, -ntis*, era uma das formas nominais do verbo latino. No latim, este participío formava-se a partir do tema do *inflectum* (sistema das formas verbais que derivavam do tema do presente, o tempo da ação inacabada) e seguia a declinação própria dos adjetivos da segunda classe, logo, com o paradigma da terceira declinação.

No português antigo, tal como já acontecia no latim (e à semelhança do que podemos observar noutras línguas), o participío presente ocorria ora como nome, ora como adjetivo, ora ainda com função verbal, alternando com formas do gerúndio e, mais raramente, do infinitivo. De facto, existem, em estádios antigos do português, contextos em que podemos encontrar o participío presente e o gerúndio em variação livre, nomeadamente, em orações adverbiais (cf. Lobo 2003).

No português contemporâneo, essas formas de participío presente com função verbal não são produtivas, tendo subsistido apenas com funcionamento de nomes (*estudante, presidente, pedinte*) e adjetivos (*minguante, cadente, seguinte*). O uso verbal das formas de participío presente desapareceu⁴⁹, tendo este sido substituído por outras formas, nomeadamente o gerúndio.

A evolução do participío presente latino e a sua passagem para o português têm sido descritas por diferentes autores⁵⁰. Ao tratarem o participío no sistema verbal português ou os sufixos de base verbal, vários autores de gramáticas históricas referem a conversão do participío presente noutras classes de palavras, como adjetivo e nome, no português contemporâneo. De facto, quando consultamos as gramáticas históricas, encontramos afirmações nesse sentido:

⁴⁹ Há, no entanto, casos residuais de uso verbal das formas *-nte* em português dialetal, de acordo com os dados do *CORDIAL-SIN*. Veja-se, por exemplo:

"Aquilo é assim uma... Como é que se diz? **lmitante** assim (...) o bogango. É um bogango, que a gente chama de bobine de seda."
[PIC22]

"**Acabante** cinco, seis diazinhos, cai aquilo tudo fora e fica o umbigo saradinho."
[PIC27]

"e depois jantavam era pelo meio-dia ou meia hora **passante** do meio-dia. E depois de lá, dessa hora para diante..."
[TRCB3]

⁵⁰ Ainda que, como já referido na introdução (ver pág. 2), a evolução da forma de participío presente esteja fora do âmbito deste trabalho, algumas referências às propriedades e funcionamento desta forma, quer em latim, quer na passagem do latim para o português, podem revelar-se úteis para posterior análise, pelo que serão aqui apresentadas, sempre que necessário, breves anotações dessa evolução.

“Ainda, continuando na esteira do latim popular de evitar a confusão, o português moderno pôs de parte o antigo particípio do presente, deixando-o subsistir apenas como adjectivo, ficando assim reduzido a simples o papel duplo que já na língua clássica representava”.

Nunes (1960: 272)

Segundo Brandão (1963), o particípio presente tinha, em latim, além do uso verbal, funcionamento de adjectivo – *diligens, prudens, sapiens* – e, mais raramente, de nome – *amans, serpens*. Para o português arcaico, refere que são três os usos principais do particípio presente – uso atributivo, apositivo e predicativo – e acrescenta ainda, na sua utilização, o uso como simples adjectivo (*lobos malfazentes*), como simples nome (*o ajudante, o celebrante*) ou como construção absoluta, semelhante ao ablativo absoluto latino (*(ao) sol levante, (ao) sol poente*).

Assim, a descrição das formas e do uso do particípio presente, seja em latim, seja em português antigo, sugere, desde os autores antigos, a ambiguidade categorial desta forma. Ocorrendo, já no próprio latim, como adjectivo e nome, o particípio presente parece ter, desde essa altura, um carácter misto, situando-se na fronteira entre a categoria verbo e a categoria adjectivo, compartilhando traços de ambas.

Dias (2013: 607) refere que a “natureza híbrida do particípio presente” existia já no latim (e no grego), uma vez que, como forma nominal do verbo, o particípio presente exhibe propriedades verbais e nominais. Enquanto verbo, apresenta transitividade, logo, selecção argumental e, segundo vários autores, assinala uma relação de concomitância, quer temporal, quer aspetual, marcando um acontecimento incompleto, contemporâneo ao facto expresso pelo verbo da oração principal em que ocorre (cf. Oliveira & Oliveira 2011: 101). Como adjectivo, mostra concordância (de número) com o nome ao qual se liga, admite graus e tem propriedades atributivas e predicativas, podendo ocorrer como simples adjectivo ou como predicativo (cf. Dias 2013: 608).

Além do uso como adjectivo e nome, Brandão (1963: 473) refere ainda casos em que os particípios presentes passaram a ser usados como preposições:

“Noutros casos, certos particípios presentes, que figuravam antes em construções absolutas, sujeitos a concordância numérica, perderam o seu valor primitivo e passaram a preposições, denotadoras, em geral, da circunstância que exprimiam como particípios: *salvante, tirante, mediante, não obstante, não embargante, durante*, etc. [...]”.

3.2.1. O PARTICÍPIO PRESENTE DO PORTUGUÊS DE OUTRORA: O USO VERBAL

Ainda que a generalidade dos autores⁵¹, antigos e contemporâneos, assumam que o uso verbal do particípio presente em português é escasso e revelador de uma tendência latinizante⁵², não podemos deixar de reconhecer a sua existência em alguns textos do português antigo, nem de reparar no modo como esta forma coexistiu com outras formas verbais, como o gerúndio, o qual viria a ocupar, na maior parte dos contextos, a sua função.

“De uso frequente na língua arcaica, o particípio do presente acabou por desaparecer, como tal, suplantado decerto pelo gerúndio, com que por vezes se confundia no seu emprego, e passou a ser tido como simples adjectivo, deixando contudo vestígios do seu primeiro emprego”.

Nunes (1960: 303-304)

O funcionamento verbal (e nominal) do particípio presente será mais detalhadamente apresentado e discutido no capítulo seguinte⁵³, a partir dos exemplos encontrados em textos do português antigo. Por agora, e numa primeira sistematização das suas propriedades e da sua distribuição enquanto verbo, faz-se referência ao (pouco) que podemos encontrar, na literatura, sobre esta questão.

Brandão (1963: 472) refere que, numa fase primitiva da língua, os particípios variavam em número e, tal como em latim, admitiam a mesma regência dos verbos correspondentes, podendo apresentar complemento nominal sem preposição (“complemento objetivo”). Também à semelhança do que acontecia em latim, os particípios podiam ocorrer em posição atributiva, predicativa ou apositiva e ainda em

⁵¹ Refiro-me, entre outros, aos já citados Brandão (1963), Nunes (1960), e também Oliveira & Oliveira (2011) e Dias (2013).

⁵² A questão de o uso verbal do particípio presente revelar uma tendência latinizante (ou constituir uma influência culta do francês, ou corresponder a fossilização de estrutura) impõe como pertinente uma breve nota. Este trabalho não pretende, como já exposto anteriormente, dar conta da evolução desta forma verbal, pelo que não cabem nele propostas explicativas sobre a motivação para as ocorrências encontradas nos textos que, em seguida, serão objeto de análise. Deste modo, deixando para investigação posterior as razões para a existência do particípio verbal em textos do português antigo, o presente trabalho limita-se a reconhecê-la e a estudar e descrever o modo como estas formas se comportam. É caso para dizer *faço minhas as palavras de García* (1991: 282), que afirma, para o espanhol, «es posible que la presencia del “participio de presente” con valor verbal en la lengua medieval se deba a una incipiente (y pasajera) “latinización” del romance castellano, o a una influencia culta del francés. En todo caso, como R. Lapesa señala, “sea por latinismo, por conservación arcaizante o por galicismo, el participio activo tiene bastante uso en algunos textos”». E também, sobre o seu trabalho, quando afirma «Ahora no nos interesa tanto la cronología del desarrollo y decadencia del “participio de presente” cuanto su comportamiento funcional en su coexistencia con otras formas deverbales.»

⁵³ Ver secção 4.2.2.

frases participiais, correspondentes ao ablativo absoluto latino e equivalentes, na maioria dos casos, a orações subordinadas temporais.

O autor sistematiza da seguinte forma os contextos em que, em estádios mais antigos da língua, o particípio presente ocorria com função verbal⁵⁴:

(1) uso atributivo

Rei e Senhor natural, não reconhecente superior em o temporal. [Barros, *Decádas* 4^a]

Perlas ricas e imitantes a côr da Aurora [Camões, *Os Lusíadas*, X, 102];

(2) uso apositivo

Os quais, tementes Nostro Senhor, dos esquadramentos dessas suas boas cousas não se tornem orgulhosos. E Nostro Senhor, complinte todavia estas cousas esguarda de cada dia aquestes seus santos amoestamentos [Regra de S. Bento]

(3) uso predicativo

estando os filhos presentes e chorantes devotamente [Crónica dos Frades Menores, 1^a, 72]

Que bens fizestes na vida/Que te sejam cá guiantes? [Gil Vicente, *Auto da Barca do Purgatório*]

Brandão refere ainda que «o particípio presente foi pouco a pouco suplantado pelo ablativo do gerúndio latino» (Brandão 1963: 475).

⁵⁴ Exemplos retirados de Brandão 1963: 474.

4. O PARTICÍPIO PRESENTE EM TEXTOS DO PORTUGUÊS ANTIGO

4.1. METODOLOGIA

A primeira tarefa levada a cabo para a prossecução do presente estudo e objetivos propostos corresponde ao levantamento das formas de participio presente existentes nos textos do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL, FCSH - UNL), pertencentes aos séculos XII - XVI. A recolha das formas a considerar construiu-se a partir de uma consulta exaustiva dos verbos que constituem o *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (DVPM/CIPM).

Dada a extensão do CIPM e as limitações de tempo para trabalhar todos os textos que o integram, foi selecionado um conjunto de textos, que constitui o *subcorpus* a tratar. Nesta seleção, pretendeu-se abranger diferentes tipologias textuais (textos literários e não literários), pertencentes a todos os séculos em análise, e de modo a que o total dos textos de cada século tivesse, relativamente ao número de palavras, uma dimensão equivalente⁵⁵. Assim, foram selecionados os seguintes textos:

século XII

Textos notariais (sd) *in* Apêndice Documental de Clíticos na História do Português – CHP

Textos notariais (sd) *in* Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI (2^a met. séc. XII) – DN

século XIII

Textos notariais (1262-1300) *in* História do Galego-Português – HGP

Textos notariais (sd,1260-1300) *in* Apêndice Documental de Clíticos na História do Português – CHP

Textos notariais (sd,1243-1300) *in* Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI) – DN

Foro Real (1280?) – FR

século XIV

Textos notariais (1301-1399) *in* História do Galego-Português – HGP

Textos notariais (1304-1397) *in* Apêndice Documental de Clíticos na História do Português – CHP

Textos notariais (1304-1397) *in* Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI – DN

⁵⁵ O número de palavras de cada texto e outras informações detalhadas sobre os textos que constituem o *corpus*, pode consultar-se em <http://cipm.fcs.unl.pt>.

Afonso X, Primeyra Partida (1350?) – PP

Livro de Montaria de João I (sd) – LM

século XV

Textos notariais (1401-1500) *in* História do Galego-Português – HGP

Textos notariais (1402-1499) *in* Apêndice Documental de Clíticos na História do Português – CHP

Textos notariais (1402-1499) *in* Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI – DN

Leal Conselheiro (1433/1438?) – LC

O Livro das Tres Vertudes (1447/1453?) – LTV

século XVI

Textos notariais (1502-1516) *in* História do Galego-Português – HGP

Textos notariais (1504-1548) *in* Apêndice Documental de Clíticos na História do Português – CHP

Textos notariais (1504-1548) *in* Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI – DN

Crónica dos Reis de Bisnaga (sd) – CRB

Catecismo (1504) – CAT

Numa primeira fase, procedeu-se ao levantamento das ocorrências das formas de participio presente em todos os textos do CIPM⁵⁶, através do *Concordance*⁵⁷, um programa de tratamento de informação linguística que permite a realização automática de concordâncias.

A primeira tarefa foi, então, a elaboração da própria ‘concordância’, que incluiu:

- 1) a elaboração da lista das formas de participio que ocorrem em todo o *corpus* do CIPM (levantamento das formas no *Dicionário de Verbos* do CIPM);
- 2) a seleção, no programa *Concordance*, dos textos a pesquisar;
- 3) a elaboração da ‘concordância’.

A constituição da ‘concordância’ permitiu o acesso direto não só às formas, como também ao contexto em que estas ocorrem, facilitando a análise sintática e semântica de aspetos contextuais e distribucionais relevantes.

⁵⁶ A recolha das formas em todo o *corpus* e não apenas no *subcorpus* a tratar justificou-se pela possibilidade de uma análise quantitativa pormenorizada, principalmente na comparação do número de ocorrências desta forma verbal com a de outras formas não finitas. Infelizmente, limitações de vária ordem não permitiram, no tempo disponível, concluir a análise quantitativa, pelo que não será apresentada neste trabalho.

⁵⁷ Mais informações sobre este programa podem consultar-se em <http://www.concordancesoftware.co.uk>.

Posteriormente, foi feita uma análise qualitativa das orações do *subcorpus* em que ocorrem as formas de particípio presente, no sentido de determinar a categoria lexical das formas em *-nte* ou, mais especificamente, quantas e quais dessas formas apresentavam um funcionamento que pudesse ser considerado verbal. Neste sentido, procedeu-se à sua identificação, tendo em conta a distribuição sintática e aspetos como:

- (i) a presença ou ausência de determinante
- (ii) a modificação por advérbio de grau
- (iii) categorias com que coocorre
- (iv) a presença ou ausência de sujeito
- (v) a presença ou ausência de complemento nominal

Dado o número reduzido de ocorrências de formas do particípio presente com funcionamento verbal nos textos selecionados, esta análise foi estendida aos outros textos do *corpus*⁵⁸. Depois de alargar a amostra, procedeu-se a uma análise mais detalhada das estruturas com participios com comportamento verbal, no sentido de captar as propriedades e contextos sintáticos e semânticos em que as formas participiais ocorrem. Assim, foram tidos em conta aspetos como:

- (vi) tipos de sujeito
- (vii) subclasse do verbo
- (viii) presença de negação
- (ix) introduzido ou não por preposição
- (x) tempo composto
- (xi) sobreposição com contextos em que ocorrem outras formas não finitas (gerúndios)

Por último, procedeu-se à comparação entre as estruturas com particípio presente verbal e estruturas com gerúndios, uma vez que o particípio presente alterna com o gerúndio no mesmo tipo de contextos. Como os gerúndios são muito mais produtivos do que os participios presentes, optou-se por limitar os contextos de seleção de gerúndios: selecionaram-se formas *-ndo* nos textos do *subcorpus*, e apenas as que correspondiam aos verbos que, no particípio presente, apresentavam funcionamento verbal⁵⁹.

⁵⁸ De uma amostra inicial inferior a 50 ocorrências de particípio presente com possível funcionamento verbal, conseguiu-se passar para um conjunto de dados com mais de 140 ocorrências para análise.

⁵⁹ Recorreu-se, para tal, a dados previamente recolhidos (através do *Concordance*) e atualmente em análise, no âmbito do projeto de investigação *Subordinação em Português Medieval* (PTDC/MHC-LIN/4564/2012), financiado pela FCT-MCTES, no qual participo.

Esta pesquisa permitiu averiguar sobre as semelhanças e as diferenças entre orações participiais e gerundivas do português antigo, informações essas que servirão também para que, em estudos posteriores, seja possível desenvolver uma proposta explicativa sobre as razões pelas quais, no português europeu contemporâneo, as formas de gerúndio substituíram as de participio presente, em contexto verbal.

4.2. PERCORRENDO OS TEXTOS

Em conformidade com o que era previsto, e de acordo com o que aparece já descrito na literatura, a análise do *corpus* permitiu encontrar ocorrências das formas de participio presente com comportamentos distintos.

O primeiro desafio que se impunha era, então, selecionar os critérios que serviriam para determinar os contextos em que as formas *-nte* funcionavam como adjetivos (cf. (1)), como nomes (cf. (2)) e, principalmente, como verbos (cf. (3)), sabendo *a priori* que encontraria também ocorrências de algumas formas já gramaticalizadas⁶⁰ e que, por essa razão, não iriam pertencer a nenhuma destas categorias (cf. (4))⁶¹. Esperava ainda encontrar formas situadas na fronteira entre categorias diferentes, pelo que nem sempre seria possível, com base nos critérios estabelecidos, chegar a uma classificação – são aquelas que tratarei, mais à frente, como ‘casos de ambiguidade’ (cf. (5)).

- (1) Ca **desobediētes** ssom os hom(ê)s assi quãdo os chamã ou enprazã os juizes (...) e nõ q(ue)rem vijr [séc. XIV, PP]
- (2) tem por todo este camynho muito arvoreda, que elrey mamdou por por fazerem sombra aos **caminhantes**, e neste caminho mamdou fazer hũu pagode muyto fermoso de cantaria [séc. XVI, CRB]
- (3) Ego Orracha Rod(er)icj **temēte as peas do inferno** de m(e)a pobra uoluntate feci mea mãda [séc. XIII, CHP]
- (4) e asy todos os outros homēes, que os ofycios tem, **salvante** aquelles que tem obrigações andarem no campo [séc. XVI, CRB]

⁶⁰ Assumo aqui a noção de gramaticalização de Hopper & Traugott (1993): processo de mudança unidirecional que leva elementos lexicais a assumirem valores gramaticais e elementos que já eram gramaticais a assumirem valores ainda mais gramaticais.

⁶¹ Estas formas não serão objeto de análise neste trabalho, pelo que não procurarei determinar a sua categoria. Irei apenas referir alguns exemplos, partindo do pressuposto que pertencem a *outras* categorias que não adjetivo, nome e verbo.

- (5) E quando esto ouuer dito meta hũũ girio beento **ardēte** ena aqua da p(ar)te que ã arder rrogando a De(us) q(ue) enuij aaq(ue)la fonte a u(er)tude do Sp(ir)itu S(an)to [séc. XIV, PP]

A análise efetuada irá, como já referido, centrar-se nas formas de particípio presente que exibem um funcionamento verbal. Antes de me debruçar sobre estas, no entanto, apresentarei as formas que foram consideradas nominais (adjetivos e nomes), explicitando, através de exemplos retirados do *corpus*, os critérios que, num e noutro caso, estiveram na base da sua classificação categorial. Referirei ainda, de forma breve, alguns exemplos de formas *-nte* que pertencem a outras categorias.

4.2.1. FORMAS P(ER)TEECĒT(E)S A CATEGORIAS NOMINAIS, E OUTRAS

Para a classificação das formas encontradas e sua distribuição por diferentes categorias, recorri aos critérios já enunciados na metodologia, que agora retomo.

Afigurando-se como mais pertinente uma análise das propriedades e contextos sintáticos que permitam distinguir as formas de particípio presente, foram salientados os aspetos próprios de cada categoria. Neste sentido, os contextos sintáticos aqui referidos não são, necessariamente, os únicos, mas aqueles que, por não serem partilhados por diferentes categorias, permitem, de modo mais claro, a sua distinção.

Assim, além da distribuição sintática, foram tidos em conta critérios como a presença de determinante, que permitiu distinguir os nomes, e a modificação por advérbio de grau, própria dos adjetivos. A presença de sujeito e/ou de complementação nominal constituiu critério para considerar as formas como verbais, distinguindo-as das formas nominais.

Enquanto **adjetivos**, as formas de particípio presente flexionam em número (cf. (6)), admitem modificação por advérbio de grau (cf. (7)), ocorrem em coordenação com outros adjetivos (cf. (8)) e em posição típica de adjetivo, quer atributiva (cf. (9)), quer predicativa (cf. (10)), modificando um NP.

(6)

- a. querendo alguũs aver tempo **abastante** pera cumprir seus maaos desejos em gaanhos nom direitos [séc. XV, LC]

- b. Ca certo he as virtudes per ssey seerem **abastantes** pera o virtuoso todo bem obrar [séc. XV, LC]
- (7)
- a. Deos nos daa o que pedimos ou outra cousa melhor, ou em tempo mais cōveniēte. [séc XVI, CAT]
- b. que nom podia pensar que mal me vehesse por obrar no que me prazia, e tam contente era de o fazer. [séc. XV, LC]
- (8)
- a. e sabido ysto pollo capitão Meliquy niby foy muy allegre e contente [séc. XVI, CRB]
- b. teer algũa boa occupaço, consiirar que somos cōvidados a hũa çea **habundante** e muyto rica [séc. XVI, CAT]
- (9)
- a. e por darem e despenderem em outras partes largamente, com tempo, cirimonias e pallavras perteecentes, som por ello chamados mais graados que os que semelhante nom fazem [séc. XV, LC]
- b. E ssento per graça de nosso senhor que boa, sages, bem **parecente** e graciosa molher, com que homem seja casado, e se muyto amem, he grande remedio contra a tristeza e |s|emfadamento. [séc. XV, LC]
- (10)
- a. E s(er)a bem emformada quaaes leterados ou Rellegiosos . som mais **abastantes** & de mayor autoridade [séc. XV, LTV]
- b. Nẽhũã p(e)na/podería seer mayor que a que o teu coraçom leua . a qual te faz **maldizente**/& Jrosa [séc. XV, LTV]

Quando funcionam como **nomes**, as formas do particípio presente variam em número (cf. (11)) e podem ser precedidas de determinante (cf. (12)). Além disso, aparecem coordenadas com outros NP (cf. (13)) e mostram uma distribuição típica da categoria nome, ocorrendo em posição de sujeito (cf. (14)) ou de complemento do verbo (cf. (15)).

- (11)
- a. Et q(ue) estes d(i)tos meus h(e)rdeyros et o seu mays chegado **deçendent(e)** de cada hũ deles hũ depus outro, possan escoller et p(re)sentar et tomar os d(i)tos cl(er)igos por cap(e)lães [séc. XV, HGP]
- b. dou poder aos d(i)tos meus h(e)rdeyros et a seus **deçendent(e)s**, segundo d(i)to he, q(ue) posan vender et desbaratar os d(i)tos meus bẽes [séc. XV, HGP]
- (12)
- a. tornada pera nossa çidade e terra dos vivētes, donde toda lagrima e miseria cessará. [séc XVI, CAT]
- b. Et quẽ quer que este (con)uenēte falecer Anter nos (e) uos pecte ad alia p(ar)te quingētos solidos. [séc. XIII, CHP]

(13)

- a. E, porque he sacrificio, teẽ virtude pera satisfazer tâto quãta he a devaçom e fervor dos **offereçentes e daquelles por quẽ se offreçe** [séc. XVI, CAT]
- b. Et se p(er) vent(ur)a foren ocupadas ou enba(r)gadas as d(i)tas capelãjas ou os d(i)tos meus h(e)rdeyros et seus **deçendent(e)s** asy p(er) b(is)po como p(er) cabidoo [séc. XV, HGP]

(14)

- a. E todos estes **cõuenẽtes** de suso sc(ri)ptos deũe seer teudos da hua p(ar)te e da out(ra) aa boa fe e sã mao engano. [séc. XIII, DN]
- b. E, se ho **ordenante** e ordenado cheguam a este sacramento em pecado mortal a sabendas, pecã mortalmente. [séc. XVI, CAT]

(15)

- a. Os pecados da omysom som estes: (...) as baralhas nom amanssar; **os ignorantas nom inssynar**; os aflictos nom consollar; [séc. XV, LC]
- b. e, emquanto he sacramento, aproveita a quẽ ho regebe, e porque he sacrificio, aproveita aos **offerẽtes** e àquelles por quẽ se offreçe, vivos e mortos. [séc. XVI, CAT]

Foram encontrados casos de formas de participio presente nominal (cf. (16)) e adjetival (cf. (17)) com variaçãõ em gênero, embora com ocorrẽncia quantitativamente pouco significativa:

(16)

ẽ out(ra)s nẽhũas aues de caçar nẽ nẽ/sic/ seus s(er)uẽtes nẽ **s(er)uẽtas**; [séc. XV, DN]

(17)

que os faça contentar de muyto menos onde do mais nom podiam seer **contentos**. [séc. XV, LC]

Conforme já era esperado, encontraram-se também ocorrẽncias de formas de participio presente que não pertencem a estas categorias nominais⁶². São casos de participios que passaram a funcionar, na maioria das vezes, como preposições⁶³:

⁶² Algumas destas formas não constam no DVPM como formas participiais do verbo, pelo que não aparecem na concordãncia efetuada. O seu levantamento foi ocasional, aquando da leitura de excertos dos textos, tendo sido verificada a sua origem em dicionários com informação etimológica, entre os quais o dicionário Houaiss 2009, versãõ eletrônica.

⁶³ Oliveira & Oliveira (2011: 122) referem-se a estas formas oriundas do participio presente como *preposições acidentais*: “Como exemplos de preposições oriundas de PP, podemos citar no português: *durante, mediante, salvante, tirante, não obstante, não embargante* (arcaico). Essas preposições “acidentais” funcionam fora do sistema de transitividade, isto é, não introduzem complemento, mas estabelecem relaçaõ semântico-adverbial: *durante* (de tempo); *mediante* (de meio); *não obstante* (de concessãõ); *tirante* (de exclusãõ); *consoante* (de conformidade)”.

(18)

- a. porque este podem estar asentados, e outrem não por gramde senhor que seja, **salvante** se lho mamdar [séc. XVI, CRB]
- b. nem chamarom a out(ro) algũ Senhorío nem per elle farom feu nem foro a out(ra) nenhũa pessoa (e) **durante** ho t(em)po das ditas tres vidas ho nom possam leixar nem engeitar nem ho di(c)to m(osteiro) lha possa tolher [séc. XVI, DN]

4.2.2. PARTICÍPIO PRESENTE *AVÊTE* FUNCIONAMENTO VERBAL

Os textos do *corpus* permitiram identificar ocorrências das formas de particípio presente com função verbal. Tal como referido na metodologia, a recolha destes particípios presentes verbais foi alargada a todos os textos do CIPM, para que, aumentando o número de exemplos, fosse possível dar conta do maior número de contextos em que ocorrem.

Como veremos mais à frente, nem sempre a classificação de uma forma de particípio presente como verbo foi fácil ou, até, possível, pois são vários os casos em que as formas *-nte* se situam demasiado na fronteira entre diferentes categorias, principalmente entre verbo e adjetivo.

Assim, são aqui classificadas como verbais as formas do particípio presente que ocorrem com sujeito próprio (cf. (19)), as que admitem complemento nominal (cf. (20)) ou oracional (cf. (21)) e, finalmente, as que ocorrem com clítico (cf. (22)). Depois de identificadas e exemplificadas, passaremos à análise das suas propriedades e dos contextos em que, em estádios mais antigos do português, podíamos encontrar estes particípios a funcionar como verbos.

(19) *sujeito próprio*

- a. E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pesoa aa outra, e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum a todas. [séc. XIV, CI]
- b. das cousas q(ue) uẽẽ come das outras q(ue) nc ssom uistas (...) e o Sp(ir)ito S(an)to **sainte** d'ambos, todos tres d'hũa natura e d'hũa ygualdade [séc. XIV, PP]
- c. Feyta carta #V k(a)l(endas) Ag(os)tj, era #Mª #CCCª #Vª. **Regnãte** en Leõ & en Castela rey dõ Afõso [séc. XIII, HGP]
- d. Dufrosina ffoy aaquel m(oesteyr)o (...) e mandou dizer pello porteyro ao abbade dizendo hũ c(ra)stado que vẽ do paaço **estãte** aa porta do m(oesteyr)o e q(ue)r ffallar (con)tigo; [séc. XIII/XIV, VS]

(20) *complemento nominal*

- a. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, **temẽte** o dia de mia morte
[séc. XIII, TL]
- b. e descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os) que te receben dignam(en)t(e)
[séc. XIII/XIV, VS]
- c. Tu es ese meesmo ã no inferno **avẽte** pod(e)rio [séc. XIII/XIV, VS]

(21) *complemento oracional*

- a. porem nos, **querentes** prover a homrra e estaado dese Joanne Rei (...) por estas presentes o fazemos certo [séc. XV, CDJI]
- b. veeronssse pera el e confortarõno o mais que poderon e fezeronlhe **entendente** que fazer doo ã lhe avya pro!; mas que se trabalhasse d'aver outro consselho, ca chorar e carpyr ã era pera rey.
[séc. XIV, CGE]
- c. o seu barnag'e tod'o seu poder/é: faz **creent'** a quantos aqui som/que val mui mais, que nom dev'a valer
[séc. XIII, GEM]

(22) *presença de clítico*

- a. Se algũa das p(ar)tes uéer cõt(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhẽtos s(ol)do)s [séc. XIV, HGP]
- b. Se algũa das p(ar)tes uéer cont(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhẽtos s(ol)do)s e o plazo fiq(ue) en sa fi(r)midõe e en sa forteleza. [séc. XIV, HGP]

Relativamente aos tipos de sujeito encontrados e à sua posição na frase, podemos verificar que as orações com participio presente admitem sujeito lexical (cf. (23)) e sujeito nulo (cf. (24)).

(23) *sujeito lexical*

- a. que venha topar na lança como se a de soobraço tevesse, e **entrante** aa ponta della dar onde quer ferir, carregando com o corpo. [séc. XV, LEBC]
- b. E **obrãte** a graça do Sp(ir)itu S(an)to vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhẽyros [séc. XIV, PP]

(24) *sujeito nulo*

- a. E porem nos, **querentes** prover a homrra e estaado dese Joanne Rei (...) por estas presentes o fazemos certo [séc. XV, CDJI]

- b. E Job barom simplez e dreito, **temente** Deus e partido de mal, e, quando lhe veuo a mezquindade da pobreza e da sarna, querela-sse elhe [séc. XV, OE]

Quando expresso, o sujeito pode corresponder a NP (cf. (25)) ou a pronome pessoal (cf. (26)), e pode ocorrer em posição pré-verbal (Suj-V) (cf. (27)) ou em posição pós-verbal (V-Suj) (cf. (28))⁶⁴. Quando é nulo, o sujeito tem, preferencialmente, interpretação correferente com o sujeito da oração matriz (cf. (29)).

(25) *sujeito = NP*

- a. **Regn(an)te** en Leon & Galliza & in Cast(e)lla rey d'õ A(fonso) [séc. XIII, HGP]

- b. e assi se partírom per cansaço, **entrante** aa noite, como mui boos cavaleiros. [séc. XIV, NLL]

(26) *sujeito = pronome pessoal*

- Deos obra em nós as virtudes sem nós, scilicet, **fazentes**, e nom sem nós **comsemtintes** [séc. XVI, CAT]

(27) *ordem Suj-V*

- a. e que esteuesse aly des o serãão ataa o gallo **cantante** e que lhe ñ encubrisse todo o que lhe acontecesse [séc. XV, OE 4.30]

- b. hũũ c(ra)stado que vẽ do paaço **estãte** aa porta do m(oesteyr)o e q(ue)r ffallar (con)tigo [séc. XIII/XIV, VS]

(28) *ordem V-Suj*

- a. Esta erdade sobre dita iaz na uilla de Pielas su' o' signo de Sam Michael d'Oleiros, **discurrete** o rio do Buual no couto d'Oleiros. [séc. XIII, HGP]

- b. obrigaua todos sseus bẽes & das d(i)tas pessoas a cõp(r)ir et agoardar o d(i)to aforam(en)to, seg(und)o em ele h(e) (con)tjudo et **saynt(e)s** as d(i)tas pessoas, q(ue) o d(i)to casal fiq(ue) lyure [séc. XV, HGP]

(29) *sujeito nulo correferente ao sujeito da oração matriz*

- a. & foy este comde dom Pedro o p(ri)meiro capitãõ que ficou em Çepta, [...], avemdo muitas pellejas com hos mouros & semdo duas vezes çercado per maar & per terra, vemçemdo sem nunca ser vemçido, **sofremte** muyto trabalho por defemsãõ daquela çydade [séc. XV, ZPM]

- b. Ego Orracha Rod(er)icj **temete** as peas do inferno de m(e)a pobra uoluntate feci mea mãda [séc. XIII, CHP]

⁶⁴ A ordem V-Suj é significativamente mais frequente no *corpus*. Os poucos casos de ordem Suj-V verificam-se essencialmente (mas não exclusivamente, como se pode verificar em (27b)) na presença de preposição. Discuto esta questão mais à frente (ver secção 5.3.).

Relativamente à distribuição sintática, os participios presentes encontrados no *corpus* ocorrem em orações adjuntas adnominais, modificando um NP (cf. (30)); em posição predicativa, predicando sobre o sujeito, (cf. (31)); em orações adjuntas adverbiais, modificando o predicado ou a oração (cf. (32)); em orações selecionadas por verbo causativo ou percetivo (cf. (33)) e depois de preposição (cf. (34)).

(30) *adjunção adnominal*

- a. respomdeo (...) que elle comsyradas todallas cousas (...) e outras (...) razoavees causas a esto **movemtes** *seu coraçoom*, esse Joanne Rei, aquel tempo Mestre da dita Hordem, absolvera e abelitara [séc. XV, CDJI]
- b. q(u)alq(ue)r das partes (...) peyte aa out(r)a p(ar)te **aguardante** o p(r)azo Ginq(u)enta mor et o p(r)azo fique semp(re) firme [sé. XIII, HGP]
- c. A esta se reduz a virtude da penitência que he habito electivo **incrinãte** a *voõtade* a aver door e desprazer do pecado e ofensa de Deos, com sperança do perdã e proposito de se enmêdar, confessar e satisfazer, castigando a si mesmo per sua voõtade. [séc. XVI, Cat]
- d. E pois que faram deante do teu squardam(en)to tam poderoso **sabente** *todallas cousas* e soom(en)t(e) **julgante** *juizo d(i)r(ei)to* hos mizquinhos mal aventurad(os) que todo o seu tẽpo despenderom ã vaidades e en pecad(os) [séc. XIII/XIV, VS]

(31) *predicativo do sujeito*

e seras sempre **sostemte** *calunias e forças* e oprimido todollos dias e espamtado com medo que teus olhos veram das coussas; [séc XV, LHB]

Os contextos sintáticos apresentados em (30) e em (31) são tipicamente adjetivais⁶⁵. No entanto, as formas aqui encontradas preservam as propriedades verbais do participio presente, nomeadamente a seleção de complementos nominais (em itálico, nos exemplos), pelo que as considereirei formas com uso verbal.

⁶⁵ Nestes mesmos contextos, ocorrem muitas das formas que constituem casos de ambiguidade, pelo facto de se verificar seleção de complementos não nominais (e perguntarãno como fora tanto **obedyente** [a] *aquelle homen* [séc. XIV, CBE]), ou de não existir qualquer complemento (Eu cuida que si, disse estar, ao menos taa que sãbia verdade de seu linhagem, ca o há aqui de saber, assi como lhe fizeram **entendente**. [séc. XV, DSG]). Estes e outros casos de ambiguidade serão apresentados e discutidos mais à frente (secção 4.2.2.1.).

(32) *adjunção adverbial*

- a. E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pesoa aa outra e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum [séc XIV, CI]
- b. e descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os) que te receben dignam(en)t(e) [séc. XIII/XIV, VS]
- c. Eu por en [bem] vo-lo rogo e vo-lo dou em conselho:/que vós **entrante** a Sevilha, vos catedes no espelho e nom dedes nemigalha por vinte de Joam Coelho [séc. XIII, CEM]
- d. desesperaram dos prometimentos e do poderio de Deos asy como **contradizentes** a elle que o prometera [séc. XV, LHB]

(33) *oração selecionada por verbo causativo ou percetivo*

- a. ou poemdo fogo e~ algu~a cousa ou outra semelhamte se danou alguemo ou talhou algũas arvores ou se fez **perdemte** alguus beens alguemo per qualquer maneira que seia. [séc. XV, TC]
- b. veeronse pera el e confortarõo o mais que poderon e fezeronlhe **entendente** que fazer doo nõ lhe avya prol; [séc XIV, CGE]
- c. E auendo de uender q(ue) o faça p(ri)meiro **sabent(e)** ao d(i)to (con)uento (e) m(osteiro) ou a seu p(ro)curador [séc. XV, DN]
- d. Si, disse ele, eu o achei **oõite** em mal ponto por mim. [séc.XV, DSG]

(34) *depois de preposição*

- a. que esteuesse aly des o serãão ataa o gallo **cantante** e que lhe nõ encubrisse todo o que lhe acontecesse [séc.XV, DE 4.30]
- b. durou o fogo per grande espaço. Outrossi no ano seguinte (...) des a mea noite ataa **sahinte** de missas, fez mui grande tormenta [séc.XV, CDF]
- c. E entom endereçarom ã pos elles e forõ matando e derribando em elles ataa **ẽtrante** a Almarya [séc. XIV, CGE]
- d. Deos obra em nós as virtudes sem nós, scilicet, **fazentes**, e nom sem nós **comsemtintes** [séc. XVI, CAT]

De acordo com os dados constantes no *corpus*, é ainda possível verificar que não há ocorrências de participio presente composto, assim como também não foram encontrados casos de orações participiais com negação própria, excetuando a negação com *sem*

(cf. (34d)). Além disso, as orações com participio presente ocorrem, maioritariamente, sem conector, havendo ocorrência esporádica de participios introduzidos por *em*. São, no entanto, na grande maioria das vezes, formas em que se verifica ambiguidade (cf. (35a)) ou que parecem corresponder a expressões fixas (cf. (35b)), pelo que não permitem uma classificação claramente verbal⁶⁶.

(35)

- a. Que amor tam astros'e tam pungente,/quen'o podess'haver em **remordente**!/Mais valria que amor d'um meu parente/que mora muit'acerca de Leone. [séc. XIII, CEM]
- b. en que non ouvesse soveral ou sagarços ou outro qualquer monte que fosse quente en **semelhante** deste que dissemos [séc. XIV, LM]

Quanto ao tipo de verbos, podemos encontrar nos exemplos retirados do *corpus*:

(36) verbos intransitivos

e que esteuesse aly des o serãão ataa o gallo **cantante** e que lhe ã encubrisse todo o que lhe acontecesse [séc.XV, DE]

(37) verbos transitivos (diretos e indiretos)

- a. Seja feyto Dam touro em a carreira e unicornio em o simideiro **mordente** as unhas do cavalo por tal que caya aquele que esta em çima do cavalo atras. [séc.XV, LHB]
- b. e do poderio de Deos asy como **contradizemtes** a elle que o prometera [séc. XV, LHB]
- c. descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os) que te recebem dignam(en)t(e) [séc.XIII/XIV, VS]

(38) verbos copulativos

- a. Aq(ue)lles que continuadam(en)t(e) ã ty peensam e te recebem dignam(en)t(e) en todo tempo **stantes** cõtígo guardam as tuas carreyras. [séc. XIII/XIV, VS]
- b. E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pessoa aa outra e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum [séc XIV, CI]

(39) verbos inacusativos

- a. e assi se partirom per cansaço, **entrante** aa noite, como mui boos cavaleiros. [séc. XIII/XIV, VS]

⁶⁶ Estas formas serão retomadas na secção 4.2.2.1.

- b. Outrossi no ano seguinte (...) des a mea noite ataa **sahinte** de missas, fez mui grande tormenta [séc.XV, CDF]
- c. E trara o senhor a ty **caimte** amte os teus imigos [séc. XV, LHB]

Os verbos encontrados no *corpus* admitem diferentes tipos de complementação:

(40) nominal (NP)

- a. pera emtrares em a terra que o senhor Deos dara a ty, terra **manamte** leyte e mel asy como jurou a teus padres. [séc.XV, LHB]
- b. e nã embarguamdo quaes quer costituiçoees, (...) estatutos e custumes per alguõ modo esto **contradizemtes**, outorguamos que ha imliçaom e asupçaom (...), compridamemte valham [séc. XV, CDJ12]

(41) preposicional (PP)

- a. cegou **entrante** a lide que houve com seu irmão [séc.XIV, NLL]
- b. E levando-os ambos a grand' affan (...), passaram con eles un rio muy gran /d' Aguadiana, **entrant'** a Portugal. [séc. XIII, CSM]

(42) oracional – oração não finita com verbo de controlo (cf. (a)) e oração finita como complemento de particípio selecionado por verbo causativo (cf. (b))

- a. porem nos, **queremtes** prover a homrra e estaado dese Joanne Rei [séc.XV, CDJ12]
- b. – Palamades, a mim fezerom **entendente** que uõ parente me matastes que eu amavamuito. [séc. XV, DSG]

4.2.2.1. CASOS DE AMBIGUIDADE *APPARECENTES* NOS TEXTOS

Conforme já referido anteriormente, são vários os casos em que as formas participiais se revelam ambíguas, tornando-se difícil a sua classificação categorial. Esta ambiguidade verifica-se, sobretudo, em contextos tipicamente adjetivais (adjunção

adnominal e predicação), quando a forma de participio presente seleciona argumentos não nominais (cf. (43)) ou quando é uma forma sem complemento (cf. (44)).

(43)

- a. os quais recebendo de Christo vista prefiguravaõ os dous pouos em elle **crêtes** [séc. XV, VST]
- b. e preguntarõno como fora tanto **obedyente** [a]aquelle homen [séc. XIV, CGE]
- c. E acabada sua pregaçoom, foram vistas hũas letras apostolicas de toda a sospeita **carecemtes**, as quaes em alta e emtemdida voz de cima do pulpito pubricadas, a primeira comtinha este theor. [séc. XV, CDJI]

(44)

- a. Eu cuido que si, disse estor, ao menos taa que sábia verdade de seu linhagem, ca o há aqui de saber, assi como lhe fizeram **entendente**. [séc. XV, DSG]
- b. E **obrãte** a graça do Sp(ir)itu S(an)to vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhẽyros [séc. XIV, PP]

De facto, são várias as ocorrências em que se torna difícil determinar se a forma de participio está a comportar-se como um verbo, por, à semelhança do que foi ilustrado em (44), esta vir acompanhada de complemento preposicionado.

Quando o complemento é introduzido por preposição, podemos estar perante uma forma nominal, mas, caso o verbo selecione, noutras formas, a mesma preposição, não podemos rejeitar a possibilidade de a forma participial estar a funcionar como verbo, mantendo a regência. Assim, podemos considerar possível o uso verbal do participio nos casos apresentados abaixo (cf. (45) – (49)), quando este tem regência igual a outras formas do mesmo verbo.

(45) *concordante/concordantes a/com*

- a. o coraçom deve seer livre e costumando, pera quando comprir, saber bem passar o tempo com cousas desvairadas **concordantes** a el e a ssua vyda [séc. XV, LC]
- a'. porquy todas as dignidades de Deus **concordam** a hũa cousa determinada per hũa guisa ou nom determinada. [séc. XIV, CI]
- b. ca por|em| a prymeira averemos ffe segura, fora d'openiõões com a ssancta igreja **concordante** [séc. XV, LC]
- b'. E o que dellas me parece nom **concorda** com esto que screvo. [séc. XV, LC]

(46) *carecêtes de*

- a. As gemtes da cidade, **carecêtes de todo nojo**, com novas e milhores vestiduras que cada huã tinha, ferviaõ amdando per toda parte [séc. XV, CDJ12]
- a'. E quando assi morresse sem pecado e sem graça, seu lugar propio seria ho limbo, dõde nõ teeria pena sensível e **careçeria da visã de Deos** que he gloria. [séc. XVI, CAT]
- a''. De Deus nõ no ha porque nõ ha hy escriptura que o diga de sy nõ no ha porque **carece de razom**. [séc. XV, TC]

(47) *participante de*

- a. nõ pode a criatura per suas forças percalçar senõ como estudante que aprende do mestre e doctor, Deos Nosso Senhor, que ho faz **participante de sua doctrina e sabedoria**, como dizia Cristo [séc. XVI, CAT]
- a'. Enxe~pro teemos em a perfeiçã da juventude da qual participa mais que~ se a ella mais achegua antes ou depois regularme~te. [séc. XVI, CAT]
- a''. declara que **participamos destas tres almas**: vegetativa, que perteece aas prantas, senssetiva aas bestas, e racional aos anjos [séc. XV, LC]

(48) *p(er)maecente em*

- a. peite áã outra p(ar)te pela auctoridade del rey #c mor de pea da moeda q(ue) corer e o preto e a carta estando sempre ã seu reuor **p(er)maecente** [séc. XIII, HGP]
- a'. le peyte doblado & mays adiante aa uoz do moest(eyr)o & aa uoz del Rey peyte de p(er)me' o' cento mor da bo' a' mo' e' da & a carta de todo en todo **p(er)meysza** firme & en sua reuor por yamays. [séc. XIII, HGP]

(49) *passante (de)*

- a. Das portas do passo pera dentro dizem que tem **passante de duzentas vacas de leite** de que fazem manteiga pera estas molheres comerem [séc. XVI, CRB]
- a'. E ã hũa maneyra deve dar a pendença ao moço e em outra ao velho e en hũa maneyra ao muynto velho e em outra ao que non he tãoto velho, ca ho que **pasa de oytêta anos** non lhe deve mãdar jejuar, mais fazer oraçõees ou fazer esmolas se tem beês de que as faça. [séc. XV, S]
- a''. e o que meos vassallos avia destes que dixee, **passavã de quatrocentos cavalleiros**. [séc. XIV, CGE]
- a'''. vaam con o porco ou se os caães son muytos ou poucos e, se son muytos, assi como **passando de dez en cima**, que son abastosos pera bem poder correr con hum porco. [séc. XV, LC]
- b. As vozes deles eram baixas e tam mudadas, que se nom entendiam ãus a outros, como aqueles que começaram a lide a hora de prima e estavam **passante meio dia** [séc. XIV, NLL]

- b'. hũa das cousas que muyto estorvam o estamago e todo o corpo, [h]e sobre grande trabalho, **passando** as oras do jantar ou da cea, a hũa vez comer muito. [séc. XV, LC]

Neste exemplo (49), podemos verificar que a forma de particípio, além de ter a mesma regência que outras formas do mesmo verbo *passar*, aparece em variação com o gerúndio no mesmo tipo de construções, o que reforça a sua análise como verbo.

Quando ocorre sem complementação, existe maior dificuldade em determinar a categoria a que pertence a forma em *-nte*, sem que, no entanto, o seu uso verbal possa ser excluído. É o que se verifica nestes exemplos retirados do *corpus* e listados em baixo (cf. (50) – (57)).

(50) *ardente/ardēte*

- a. ca o ameaça pelas pēas e polos torme~tos e pelo dia do juizo q(ue) ha de uijr **ardente** como forno eno qual uerra e auerrã os se(us) angios muy grande espa~to e el. [séc. XIV, PP]
- b. E quando esto ouuer dito meta hũũ çirio beento **ardēte** ena agua [séc. XIV, PP]

(51) *esplandecente*

- a. Eu cada d[i]a esguardo e oolho a cõ gregaçõ e o ajũtamẽto das uirtudes jntlectuaaes e dos angios, e oolho o Senhor da gloria **esplandecente** sobre todos e sobeo con a mēte ãnos ceos, parãdo mentes e mirando cõ maravilha as fremusuras dos angeos que se ã podem contar. [séc. XV, DE]
- b. asy que ao tempo da sua morte apareceo hũa cruz pequēna **esplandecente** em meeo da porta da camara en que elle jazia, e esteue sospesa emno aar, ataa que o seu corpo foy daly tyrado. [séc. XV, DE]

(52) *luzente*

E ella estando em tam gram coyta. vyo víir huũ angeo **luzente** como estrella e salvou-a e começou de a cõfortar. [séc. XIII/XIV, VS]

(53) *vagante*

- a. It(em) se os padrões ou os h(er)dejros. ã p(re)sentã aa E(j)g(re)ia **uagãte** p(er) sua desauẽẽça ou p(er) ssa migalha ata aq(ue)l tẽpo q(ue) o derejto encom(en)da (...) ãgũú ãõ defenda essa E(j)g(re)ia. a esse p(re)lado [séc. XIII, DN]
- b. cõõgo de Tuj et vigayro jeeral no d(i)to b(is)pado de Tuy aa see **vagant(e)** et vigayro out(r)asy do daiãdigo asy com(m)o **vagante** [séc. XV, HGP]

(54) *vivente*

- a. Tu es aq(ue)la claridade que te nõ pode comprehender a q(ua)l alomeea todo homem **vivente** a este mũdo [séc. XIII/XIV, VS]
- b. E sabede que o Senhor Deus fez primeyramẽte uodas e casamẽto antre o corpo e a alma, quando formou o homẽ do limo da terra e spirou ã elle spiraçõ de uida e foy fecto homẽ ã alma **uiuẽte**. [séc. XV, OE]

(55) *voante*

- a. E trara o senhor sobre ti gemte de lomge, dos derradeiros fims da terra em semelhança dagaia **voante** com impetu cuja limgoajem nam poderas emtemder nem tomar [séc. XV, LHB]

(56) *moent(e)*

- a. com condiçam q(ue) o d(i)to Lourenço Afom(so) faça ora logo ha zenha de nouo, bõa e bem corregijda. **moent(e)** e corrent(e). [séc. XV, HGP]

(57) *corrente*

- a. acontece de hum monteyro achar hum porco e atraelar por elle e o porco entrou por algum rio **corrente** e vay longo espaço, en tal guisa que o sabujo o non pode cheirar pollo corrimento das aguas [séc. XIV, LM]
- b. demais pague por pena (e) em nome de pena aa outra parte outorgante Mil Reaaes brancos de moeda **corrente** [séc. XV, DN]

Há casos de participios presentes (além dos que foram apresentados em 4.2.1. como formas pertencentes a outras categorias que não A, N e V)⁶⁷ que, a par das vezes em que exibem funcionamento verbal, ocorrem como preposição, com sentido de ‘exceto’ (cf. (58) e (59)).

(58)

- a. (con)uẽ a sab(e)r, as cousas q(ue) por razõ destas bõas resçeby (...) çinq(u)o muyos ã meo d[e] çenteo p(er) t(a)ll(e)ga de q(u)atro çelamãs a t(a)ll(e)ga **eyxente** o pã dos cassares q(ue) é aynda por parar et tres chollcas ã hũa cuba [ã] hũ alfamar [séc. XIV, HGP]
- b. et des ali endeãte q(ue) fique liures ã q(u)itas as nouydad(e)s ã os h(e)rdam(en)tos áás mynas fillas ã a meatad(e) do meu auer mouil des u for soterrada uẽdao Roy ã(arci)a q(ue) eu faço meu h(er)ee ã deo por myna alma **enxente** os panos da cama q(ue) fique ãas mynas fillas. [séc. XIV, HGP]

⁶⁷ Ver exemplo (18).

(59)

damos (...) a uos Joh(a)n Fern(andez) (...) & a toda uossa uoz en com(m)o aq(u)i sééra dicto: o casal q(ue) ey en(n)a [...] fonte q(ue) iaz na fríjguisia de Sam Fíjz de Çeleyros, o qual nos téemos a foro & a renda do moesteyro de Santa Maria de Melom, cada hu[.] cõ todas suas p(er)tijnças, **saynte** o souto de Fonteada q(ue) tẽ Joh(a)n Esteuéez a foro; [séc. XIV, HGP]

Outros exemplos de ambiguidade dizem respeito a construções que parecem funcionar como expressões fixas, que aparecem, na maioria dos casos, em contextos bastante específicos. Incluem-se aqui formas introduzidas por preposição (cf. (60) e (61)), mas também formas sem preposição anteposta (cf. (62)).

(60)

- a. E assy **em semelhantes** outros do que sospeitam que contra elles he feicto ou dicto filham tam ryja sanha, tristeza ou cuidado, como se fosse certo. [séc. XV, LC]
- b. en que non ouvesse soveral ou sagarços ou outro qualquer monte que fosse quente **en semelhante** deste que dissemos [séc. XIV, LM]
- c. se os alguns monteyros filham nas treelas, que elles se fazem assi **en semelhante** como se novamente fossem postos [séc. XIV, LM]

(61)

- a. faram a primeira paga (...) por dia de samjguell de setembro primeiro que vem (e) asi dahi em diamte em cada hũu ãnno **em durante** as ditas tres vidas (e) que nam pagamdo a dita Remda per o dito dia de samjguell (e) ataa o dito dia (e) pasamdo que posam ser penhorados [séc. XVI, DN]

(62)

- a. dou & outorgo (...) a vos (...) q(ue) sodes p(re)sent(e) & **rresçebent(e)** a elo et cõ a miña beyçon en pura doaçõ & dadjua (...) toda essa casa & vjña [séc. XV, HGP]
- b. (e) prometeram os ditos senhores Compradores a mym taballyãõ Como a pesoa pubryca stipullamte (e) **acceptãte** em nome da dita donna marya ou de qualquer outra segumda pesoa q(ue) ha dita temça ouuer de succeder a esto absemte de ho asi Comprym (e) mamtherem Como dito he [séc. XVI, DN]

Já os participios presentes de *fazer* (cf. (63)) e *ter* (cf. (64)), embora surjam também em contextos muito específicos, em estruturas que podemos interpretar como próximas

de expressão fixa, ocorrem em variação com o gerúndio, pelo que é possível assumir a hipótese de estarem a funcionar como verbos.

(63) *fazente*

- a. Conuzuda cousa segia a todos q(ue) como entenciõ fosse nada vntre Don Johan(n)e, (...) & vntre Maria Petrez d(e) Oza, d(i)ta de Midam, muler q(ue) fuy de Froya Suariz, **fazente** por si & por toda a uoz deste seu marido et **fazente** por sa filla Thareygia Froyaz & por fillos & fillas quaes ha de Ruy [...]guez do [...] sobre queyxumes q(ue) auia ho moesteyro de Subrado destas p(ar)tes su[so] ditas [séc. XIII, HGP]
- a'. Conoszuda cousa seya a todos q(u)antus esta carta uirẽ como nos Johã M(a)rt(ins) & Migel M(a)rt(ins) & Mayor M(a)rt(ins), h(er)maos, **fazendo** por nos & por nossa h(er)máa Maria M(a)rt(ins) por q(ue) a todo tenpo outorgam(os) & (con)uĩjm(os) a fazer paz [séc. XIII, HGP]

(64) *têete / téente*

esta mha carta aberta seélada do meu seéelo. a qual carta (con)firmo & reuoro cõ mhas p(ro)pias maos Dada in Lixboa. #xj dias de octobre Elrey o mandou en Eª #Mª #CCCª #ixª don Gonsalo garsia alferaz (con)firma. (...) Don Diago lopiz **teendo** lamego (con)f(irma). don Meẽ rodiguiz **teendo** á Maya. (con)f(irma). don M(a)r(tim) affonso **teedo** Monte mayor (con)f(irma). Per'eanes **teete** a lafoe(s). (con)f(irma). Pedro põço. (con)f(irma). Pedr'eanes d(e) Portel **teedo** Leyrea (con)f(irma). Steuã eanes **teedo** chauas. (con)f(irma). don Roy g(a)rsia d(e) Pauya **teente** Portalegre e Arronches (con)f(irma). [séc. XII, CDA]

Nestes contextos específicos, o mesmo se verifica com o participio presente de *dar*, que aparece em variação não com o gerúndio, mas com o participio passado (cf. (65)), e também com o participio de *reinar*, que surge nos mesmos contextos em que encontramos não só o gerúndio, mas também o imperfeito (cf. (66))⁶⁸.

(65) *dante*

- a. En testemunho lhis dej esta mha carta de fforo seelada do meu seelo pendente do chumbo. **Dante** en Sanctarem. trijnta dias de Mayo. El Rey o mandou per Roy ffaffez seu vassalo e per Affonssso annes e per fernam Rodriguez seus clerigos. Gonçal eannes a ffez. [séc. XIV, CDA]
- a'. En testemunho desto mandej ende seer fecta esta carta **Dada** en Obidos treze dias de Setembro El Rej o mandou per Meestre Steuam das lejs e per Lourenco gonçalvez ouuidores dos seus ffectos Affomssso martjnz do Amaral A ffez Era de Mill e trezentos e Ojteenta e Hu~u Anos [séc. XIV, CDA]

⁶⁸ É possível encontrar estas duas formas noutros contextos, também com funcionamento verbal (veja-se, por exemplo, (20b) para o caso de *dar* e o exemplo que se segue, para o caso de *reinar*: “quanto perigoo he trazer huu tal cuydado assy **reynante** em el que o nom leixe pensar em cousa livremente” [séc. XV, LC]).

(66) *regn(an)te*

- a. F(ey)ta carta #iijes dias andados d'Agosto. In Ea #M^a #CC^a #LXL^a #V^a. **Regn(an)te** en Leon & i Galliza & in Cast(e)lla rey dõ A(fonso). [séc. XIII, HGP]
- a'. q(ue) estes meus cabeçaes & herees o aiã & façã dele p(ro)l de mina alma & d(e) Santa M(ari)a d(e) Mont(e) de Ramo. **Renãdo** Rey dõ Affonso en Leõ & en Cast(e)lla cõ todos seus rreynos [séc. XIII, HGP]
- a''. Feyta a carta #X dias por andar de Marzo sub e(r)a #M^a #CCC^a #xxj^a **Regnauã** i Léom e i Castella & na Andaluzia rey dom Affonso. [séc. XIII, HGP]

5. PARTICÍPIO PRESENTE E GERÚNDIO NOS TEXTOS DO *CORPUS*

De forma a compreender melhor qual o estatuto das orações com particípio presente, neste capítulo, contrasta-se o particípio presente com outras formas não finitas, em particular com o gerúndio, procurando perceber: i) em que medida o particípio se distingue de outras formas não finitas; ii) qual a complexidade funcional das orações com particípio presente; iii) o que determina a sua distribuição sintática.

Manolessou (2005), que estudou a evolução do particípio grego, considera que a substituição desta forma pelo gerúndio tem origem no particípio adverbial, que corresponde, primeiro, a uma oração participial independente, para depois passar a uma forma não finita, sem traços de concordância, vindo depois a fixar-se na forma mais frequente. No que diz respeito às línguas românicas, como o francês, o espanhol ou o português, tal como ocorreu no grego, um gerúndio não flexionado adquire todas as funções verbais do particípio ativo, enquanto a forma de particípio presente se torna forma nominal, já não integrando o sistema verbal. No final do processo, encontra-se, segundo a autora, já não um particípio, mas um gerúndio adverbial, sem concordância e sem valor “tempo”, mas com novos traços aspetuais.

A adjunção adverbial é, de facto, o principal contexto em que, no português antigo, o particípio presente e o gerúndio se sobrepõem, parecendo funcionar como variantes livres. Este será, pois, o contexto sintático que melhor servirá à comparação das estruturas em que ocorrem estas duas formas verbais, desenvolvida nas secções que se seguem.

5.1. GERÚNDIO *FAZENTE* A VEZ DE PARTICÍPIO PRESENTE

Tal como já aparece descrito no trabalho de Lobo (2003), no português antigo encontram-se exemplos do uso do particípio presente com função verbal alternando com formas do gerúndio, nomeadamente em orações adverbiais. Lobo refere este fenómeno, afirmando que “estão em variação as formas *fazente* e *fazendo*, *jazente* e *jazendo*, *reinante* e *reinando*, *temente* e *temendo*, *tenente* e *tenendo*” (2003: 356).

A análise do *corpus* permitiu encontrar vários exemplos desta variação entre participio presente e gerúndio⁶⁹:

(67) *fazente / fazendo*

- a. mulier q(ue) fuy de Froya Suariz, **fazente** por si & por toda a uoz deste seu marido [séc. XIII, HGP]
- b. como nos Johã Martins & Migel Martins & Mayor Martins, hermaos, **fazendo** por nos & por nossa hermáa [séc. XIII, HGP]

(68) *temente / temendo*

- a. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, **temēte** o dia de mia morte [séc. XIII, TL]
- b. Este he o testamēto q(ue) eu Lopo Rro(drigue)z de Nozede ffaço iazendo na p(r)igon de Deus & **temēdo** dia de meu pasamēto [séc. XIII, HGP]

(69) *reinante / reinando*

- a. **Regnante** en Leon & ĩ Galliza & in Castella rey dõ Afonso [séc. XIII, HGP]
- b. **Renádo** Rey dõ Affonso en Leõ & en Castella cõ todos seus rreynos [séc. XIII, HGP]

(70) *dante / dando*

- a. e descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os) que te recebem dignam(en)t(e) [séc.XIII/XIV, VS]
- b. E farees esto **dando** spaço aas execuções de feito e dicto quando a com vosco sentirdes [séc.XV, LC]

(71) *caimte / caimdo*

- a. E dara o senhor teus imigos que se levamtam comtra ty **caimtes** em tua pressença [séc.XV, LHB]
- b. mas os outros que tiinhm ajuda e acorro, **caimdo** em ella rompiamna e escapavam. [séc.XV, CDPI]

(72) *estante / estando*

- a. e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum a todas. [séc.XIV, CI]
- b. **Estando** elle em Estorga, que era sua, enfermou da door de que morreo. [séc.XIV, CGE]

⁶⁹ Os exemplos (67) a (69) tinham já sido apresentados no trabalho de Lobo (2003: 356).

(73) *entrante / entrando*

- a. vo-la dou em conselho:/que vós **entrante** a Sevilha, vos catedes no espelho [séc.XIII, CEM]
- b. doutro modo, **emtramdo** em Portugall com vosso poderio, nom podees escusar fazer dapno [séc.XV, CDJI]

(74) *obrante / obrando*

- a. E **obrãte** a graça do Sp(ir)itu S(an)to vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhēyros [séc.XIV, PP]
- b. no que rregebe a orden pellas mãos que o prelado põe ssegũdo a forma da ygreja **obrando** o spiritu santo pera que posa administrar em çertas ofiçias. [séc.XV, S]

(75) *téente / tēedo*

- a. Pauya **téente** Portalegre e Arronches (con)f(irma) [séc. XII, CDA]
- b. Steuã eanes **tēedo** chauas. (con)f(irma). [séc. XII, CDA]

O participío presente alterna com o gerúndio no mesmo tipo de contextos (embora os gerúndios sejam muito mais produtivos), parecendo não haver diferenças interpretativas entre as duas construções, conforme podemos verificar pelos exemplos apresentados acima.

No entanto, ainda que participío presente e gerúndio alternem nos mesmos contextos, é possível encontrar diferenças importantes no funcionamento destas duas formas. Assim, não há participíos presentes compostos, mas há gerúndios em auxiliares de tempo composto (cf. (76)); não há, conforme já referido, participíos presentes com negação própria (além de *sem*), mas os gerúndios admitem negação (cf. (77)); a presença de clítico, ainda que se verifique nas duas formas, é quase inexistente com participíos presentes⁷⁰, mas ocorre com frequência nos gerúndios (cf. (78)).

⁷⁰ Foram encontradas apenas duas ocorrências de clítico acusativo com participíos presentes, em estruturas muito semelhantes, representadas no exemplo (22), que é repetido aqui:

- a. Se algũa das p(ar)tes uéer cõt(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhētos s(aldo)s [séc. XIV, HGP]
- b. Se algũa das p(ar)tes uéer cont(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhētos s(aldo)s e o plazo fiq(ue) en sa fi(r)midõe e en sa forteleza. [séc. XIV, HGP]

(76)

- a. ca bem devees, senhor, dentender que **seendo** elles **entrados** per força ou per outro quallquer modo, o gram cajom e desonrra que lhes de tall feito podia ṽiir». [séc. XV, CDF]
- b. e sse o fezessẽ (contra) seu deffendimẽto **auendoos** elle ante **rrogados** e deffendudo q(ue) o ã ffezessem. [séc. XII, CDA]

(77)

- a. E nos entõces **nã lo querendo** por lo justo p(re)çio q(ue) lo diades a tal p(er)sona q(ue) sea semital de vos [séc. XV, HGP]
- b. e **nom seendo** ainda os embaxadores delrrei dAragom **partidos** daquel logar dAlcanhaães, chegou Diego Lopez Pacheco [séc. XV, CDF]

(78)

- a. E **querendoas** vender que o façam p(ri)meiro sab(e)r a ella d(i)cta Isabel ãnes S(enhorã) p(er)a sse as ella quis(e)r tanto por tanto que as aja. [séc. XV, DN]
- b. de cada hũũ segundo seus mericimentos nos contentemos, **prezandoos e fazendolhe** mercee ou servyço, **trautandoos** bem em todas cousas que podermos [séc. XV, LC]

Conforme foi possível observar nos textos do *corpus*, os participios presentes ocorrem mais frequentemente como adjuntos adnominais ou como predicados secundários, enquanto os gerúndios ocorrem sobretudo em orações adverbiais.

Também de acordo com os dados recolhidos, as orações gerundivas parecem ser menos ambíguas e funcionalmente mais complexas do que as orações com participio presente. As secções seguintes irão debruçar-se sobre estas questões, partindo de uma análise comparativa entre orações gerundivas do PEC e do PA e as participiais que ocorrem nos textos do português antigo, que procurará mostrar as semelhanças e diferenças quanto às suas propriedades e complexidade estrutural.

5.2. PARTICIPAIAIS E GERUNDIVAS – DEFETIVIDADE ESTRUTURAL

Como se pôde verificar na secção anterior, gerúndios e participios presentes ocorriam nos mesmos contextos e pareciam funcionar, em português antigo, como

variantes livres. Deste modo, retomando algumas propriedades do gerúndio, quer no PEC quer no PA⁷¹, tentarei estabelecer uma correspondência entre as orações em que aparecem estas duas formas, com o intuito de melhor compreender e explicar as propriedades internas das participiais.

Os contextos em que ocorre o gerúndio no português antigo são, em grande parte, semelhantes aos do português contemporâneo: (i) orações adjuntas (**Achando** os abades ou os priores que sseus mōges auã feyto algũus erros pero seiã pequenos podemos castigar [séc.XIV, PP]); (ii) predicções secundárias, como predicativo do complemento direto (E entam lhe começou a contar como [o] achara **dormindo** [séc. XV, DSG]) e (iii) complexos verbais (o abade e o p(ri)ol lhy q(ui)sessẽ faz(er) graça dalgũũ comer melhor deueo p(ri)m(eyramẽ)t(e) faz(er) trazer ante ssy ao rrefortoyro hu estam **comẽdo** e nõ ant(e) aq(ue)le mōge [séc. XIV, PP]).

Os contextos (i) e (ii) são contextos em que encontramos também o particípio presente, conforme exposto no capítulo anterior. Desta forma, antes de me debruçar sobre as estruturas encontradas nos textos do português antigo, irei recordar alguns aspetos referidos na análise de Lobo e de outros autores no que diz respeito a construções adjuntas com gerúndio (e com particípio passado), quanto a defetividade e estrutura funcional.

No seu trabalho, Lobo (2003; 2006) distingue vários tipos de gerundivas, entre os quais se encontram as gerundivas adjuntas. Estas dividem-se em dois subtipos – as adjuntas periféricas e as adjuntas não periféricas (ou integradas), que apresentam comportamentos distintos.

Tal como referido anteriormente (secção 2.3.2.), as adjuntas integradas distinguem-se das periféricas devido a um conjunto de restrições que só as primeiras apresentam: (i) não admitem sujeitos plenos; (ii) não admitem sujeitos nulos pragmaticamente identificados, nem sujeitos expletivos; (iii) não podem ter interpretação de tempo anterior, de concessão ou de causa; (iv) não admitem facilmente o gerúndio composto e (v) não admitem especificação temporal distinta da que a oração principal apresenta (cf. Lobo 2006: 10-15).

Segundo a autora, as adjuntas periféricas ocupam posições periféricas altas (adjunção a CP ou TP), enquanto as integradas são adjuntas a posições baixas (adjunção a VP). Esta diferença estrutural é justificada pelas restrições a que as integradas estão

⁷¹ Ver na secção 2.3.2. a sistematização do gerúndio no PEC e na secção 2.4. as propriedades do gerúndio no PA. Para um estudo mais aprofundado do tema, consultar, e.o., Lobo (2003; 2006), para o PEC, e Fiéis & Lobo (2010; 2011) para o PA.

sujeitas (mas não as periféricas), e que também se verificam nas orações participiais adjuntas (com particípio passado)⁷². Estas restrições parecem relacionar-se com uma maior defetividade das adjuntas não periféricas.

De facto, Lobo considera que as gerundivas adjuntas têm um comportamento de oração plena (e são, de acordo com vários autores, tratadas como CP), ainda que este estatuto seja mais facilmente reconhecido quando se referem adjuntas periféricas:

“Relativamente à natureza categorial de gerundivas periféricas (ou de frase), parece-me relativamente claro que se trata de estruturas oracionais plenas. O mesmo não acontece relativamente às gerundivas não periféricas (ou de predicado), cuja natureza categorial é mais difícil de determinar.”

Lobo (2003: 296)

Ainda segundo Lobo, algumas das restrições internas verificadas nas gerundivas integradas ocorrem também com as participiais. De acordo com a sistematização feita pela autora, em português europeu padrão as orações adjuntas com particípio passado (i) não admitem, normalmente, sujeitos pré-verbais; (ii) não admitem (facilmente) negação; (iii) não admitem auxiliares; (iv) não admitem determinação temporal distinta da matriz; e, contrariamente ao que se verifica com as gerundivas, (v) não admitem clíticos acusativos nem dativos (cf. Lobo 2003: 289).

Deste modo, as orações com particípio passado parecem ser mais defetivas do que as gerundivas, mesmo mais defetivas do que as gerundivas integradas. No entanto, a questão da defetividade destas e de outras estruturas é complexa e tem sido abordada de maneira distinta por diferentes autores⁷³.

Santos (1999), ao tratar as participiais absolutas, e retomando as evidências empíricas que Guasti (1997) havia listado para a existência dos diferentes nós funcionais, considera que estas estruturas são categorialmente defetivas – por exemplo, a não ocorrência de clíticos é indício da não projeção de AgrO, a impossibilidade de ocorrência de auxiliar é sinal de que não há projeção de T e a impossibilidade de negação funciona como indício de que Neg não é projetada (logo, também não há projeção de T, se admitirmos, como Pollock (1989), que Neg é legitimado por T). Assim sendo, estas orações seriam projeções de uma categoria de natureza aspetual.

⁷² Lobo considera participiais adjuntas as absolutas, que ocorrem com sujeito lexical em posição pós-verbal, e também as orações participiais que ocorrem em posição inicial, sem sujeito expreso, e têm interpretação eventiva (cf. Lobo 2003: 254).

⁷³ Veja-se, entre outros, Gonçalves (1999), para o caso de algumas infinitivas em predicados complexos, e Santos (1999), para as orações participiais absolutas, que admitem defetividade destas estruturas. No entanto, não é uma posição consensual – autores como Ambar (1992) consideram que as participiais absolutas são CP, logo, não defetivas.

Se assumirmos, como Guéron & Hoekstra (1995), que uma oração plena projeta obrigatoriamente T, então as orações adjuntas com particípio passado – e, muito possivelmente, também as que ocorrem com particípio presente – serão encaradas como defetivas, uma vez que não têm operador temporal que legitime a negação e a presença de auxiliar.

Quanto às razões que determinam a defetividade dessas estruturas, Lobo considera que não são as mesmas para as gerundivas e para as participiais – se por um lado refere razões morfológicas para as restrições que se verificam nas participiais, defende que nas gerundivas a defetividade não advém da morfologia do gerúndio, uma vez que só as gerundivas integradas são defetivas, mas sim da posição estrutural que estas orações ocupam e do facto de T destas gerundivas ser dependente de T da matriz (cf. Lobo 2003: 300 – 301).

Vejamos, então, que tipo de correspondência é possível estabelecer entre estas estruturas e as orações com particípio presente.

As orações em que o particípio presente ocorre com funcionamento verbal verificam-se em diferentes contextos sintáticos, conforme exposto no capítulo anterior. Um desses contextos é o de adjunção adverbial, ilustrado em (32a-d), que agora retomo.

Será que podemos, à semelhança do que acontece com as gerundivas, assumir, para as orações com particípio presente, dois tipos de adjunção adverbial, distinguindo entre adjuntas periféricas e adjuntas não periféricas ou integradas?

Atentemos nos exemplos que se seguem.

- (79) e descendiste do ceoo **dante** vida p(er)durav(e)| a(os) que te receben dignam(en)t(e) [séc. XIII/XIV, VS]
- (80) E dara o senhor teus imigos que se levamtam comtra ty **caimtes** em tua pressença; [séc. XV, LHB]
- (81) Eu por en [bem] vo-lo rogo e vo-lo dou em conselho:/que vós **entrante** a Sevilha, vos catedes no espelho e nom dedes nemigalha por vinte de Joam Coelho [séc. XIII, CEM]
- (82) E porem nos, **queremtes** prover a homrra e estaado dese Joanne Rei (...) por estas presentes o fazemos certo [séc. XV, CDJL]
- (83) E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pessoa aa outra e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum [séc XIV, CI]
- (84) e aguardalla que venha topar na lança como se a de soobraço tevesse, e **entrante** aa ponta della dar onde quer ferir, carregando com o corpo. [séc.XV, LEBC]

- (85) E **obrãte** a graça do Sp(ir)itu S(an)to vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhẽyros
[séc. XIV, PP]
- (86) Esta erdade sobre dita iaz na uilla de Pielas súo signo de Sam Michael d'Oleiros, **discurrẽte** o rio do Buual no
couto d'Oleiros. [séc. XIII, HGP]

Como podemos verificar pelos exemplos, encontramos participiais em posição inicial (cf. (83) – (85)), típica das periféricas. As periféricas podem ainda ocorrer em posição final precedida de pausa (posição marcada). Em textos escritos, no entanto, torna-se difícil verificar a existência dessa pausa, pelo que se recorre, normalmente, à pontuação. Acontece que, nos textos do PA, recorrer à pontuação é problemático, não podendo esta constituir evidência da pausa. Assim, (86) é um possível caso de periférica final, mas não há elementos que o permitam afirmar com clareza.

A posição final, típica das integradas, ocorre em (79) e (80). As participiais, como podemos verificar em (81) e (82), podem ainda ocupar uma posição intercalar, ocorrendo antes de V. Esta posição também é possível nas gerundivas integradas (intercaladas).

De acordo com o exposto anteriormente sobre as gerundivas, sabemos que a possibilidade de admitirem sujeito lexical distingue periféricas de integradas. Em (83) – (86), as orações admitem sujeito lexical, o que, nas integradas não é possível, mas é típico das periféricas. As participiais dos exemplos (79) – (83) ocorrem, à semelhança do que acontece com as adjuntas integradas, com sujeito nulo.

Os sujeitos nulos das integradas são, tipicamente (mas não exclusivamente), correferentes com o sujeito da matriz – é o que se verifica em (79), (81) e (82). Podem também ser identificados por um argumento experienciador da matriz (cf. Lobo 2003: 288) – como acontece em (80).

Com base nos exemplos e nas propriedades referidas acima – posição, sujeito lexical e interpretação de sujeitos nulos –, parece possível distinguir dois tipos de adjuntas com participio presente: (i) adjuntas com sujeito lexical, que ocorrem principalmente em posição inicial e (ii) adjuntas com sujeito nulo, que ocorrem em posição final ou intercaladas. No entanto, não há evidência suficiente para falar de adjuntas periféricas vs adjuntas integradas. Casos de focalização (com 'só', por exemplo), de clivagem ou de contraste seriam indicadores de que estas orações são integradas, mas não foram encontrados exemplos que o comprovem. Quanto às periféricas, como a evidência para a sua classificação é, sobretudo, evidência negativa, será sempre mais difícil mostrá-lo a

partir de textos escritos. De facto, se recordarmos os critérios usados por Lobo para distinguir diferentes classes sintáticas de gerundivas (valores semânticos; posição; clivadas; resposta a interrogativas-Qu; escopo da negação da frase matriz e interrogativas e negativas alternadas) e as propriedades internas que, segundo a autora, permitem diferenciar adjuntas periféricas de adjuntas integradas (sujeito lexical; negação; auxiliares e determinações temporais), percebemos que a maior parte não se aplica às orações com particípio presente do PA.

Quanto à determinação temporal e aos valores semânticos, apenas uma breve referência. Tal como dito anteriormente, as gerundivas adjuntas não periféricas não podem ter interpretação de tempo anterior, de concessão ou de causa, enquanto as periféricas expressam tipicamente valores de condição, causa, concessão e tempo (não simultâneo).

De acordo com os dados recolhidos no *corpus*, as orações com particípio presente parecem admitir diferentes valores semânticos – modo (cf. (80)) e tempo simultâneo (cf. (81)), típicos das integradas, mas também há casos em que uma leitura secundária de causa (cf. (82)) parece possível, o que não se verifica nas integradas.

Quando apresenta valor de tempo, a participial só parece admitir interpretação de tempo simultâneo⁷⁴.

Ainda que, no PA, particípio presente e gerúndio ocorram em variação livre em alguns contextos e seja evidente a semelhança entre as orações em que estas duas formas aparecem, não podemos colocar de lado a hipótese de as orações participais terem uma estrutura diferente das gerundivas, aproximando-se mais das adjuntas com particípio passado.

Aplicando os mesmos testes sintáticos que tinha utilizado para determinar a classe sintática das gerundivas, Lobo (2003: 271-272) concluiu que as adjuntas com particípio passado tinham um comportamento típico de adverbiais periféricas. No entanto, as participiais, tal como já referido, têm mais restrições do que as gerundivas (periféricas e integradas), e encontramos muitas dessas restrições também nas orações com particípio presente.

⁷⁴ Há casos em que também é possível uma leitura de tempo anterior, mas aparecem em contextos muito específicos, como construção fixa, e ocorrendo apenas com o verbo *dar*:

En testemuyinho desto lhys madei [sic] dar esta mha carta **Dante** en lixbã vijnte e sex dias de Junho. [séc. XIV, CDA]

Recorde-se, a este respeito, o exemplo (65), que mostra o particípio presente de *dar* em variação com a forma de particípio passado do mesmo verbo.

Uma vez que as participiais têm mais restrições internas, algumas delas exclusivas destas construções, assume-se, normalmente, que são mais defetivas do que as gerundivas. Possivelmente, o mesmo se verifica com as adjuntas com participío presente.

De facto, mesmo se considerarmos a possibilidade de existir adjunção periférica com participío presente, não há argumentos empíricos que permitam considerar essas participiais como orações plenas. Todas as adjuntas com participío presente parecem ser defetivas - ocorrem sem conector, não há casos de negação (à exceção da negação com *sem*), e não há participíos presentes compostos.

A defetividade destas orações levanta várias questões: de que decorre a defetividade? É a forma em si que é defetiva, ou a defetividade decorre de restrições de seleção?

Se a forma for defetiva, espera-se que tenha funcionamentos iguais em todos os contextos. Isto não se verifica, no entanto. Podemos, por exemplo, encontrar o participío presente como predicado principal, coordenado com forma finita:

- (87) *Dufrosina ffoy aaquel m(oesteyr)o (...) e mandou dizer pello porteyro ao abbade dizendo*
*hũu c(ra)stado que vẽ do paaço **estate** aa porta do m(oesteyr)o e q(ue)r ffallar (con)tigo;*
[séc. XIII/XIV, VS]

Retomando ainda o trabalho de Lobo (2003; 2006), a autora assume que T das gerundivas e participiais adjuntas é um T defetivo, já que, quando c-comandado por T da matriz é obrigatoriamente correferente com este, mostrando-se dependente de T da matriz e temporalmente simultâneo a ele. Assim, T das adjuntas integradas será obrigatoriamente dependente de T da oração principal. Daí que as integradas não permitam interpretação de anterioridade ou posterioridade relativamente a T da principal (apenas simultaneidade), nem admitam o gerúndio composto. Quanto às participiais absolutas, a autora considera que podemos assumir uma análise semelhante.

Parece-me plausível a possibilidade de assumir uma análise similar também para as adjuntas com participío presente, já que, como referido anteriormente, não há ocorrências, nos textos do *corpus*, de participío presente composto. Assim, se assumirmos que T das gerundivas adjuntas e das participiais absolutas é um T defetivo, faz sentido colocar a hipótese de que as orações adjuntas com participío presente se comportam da mesma maneira.

A presença de um sujeito pronominal nominativo poderia também ser evidência para a presença de T (atribuição de caso). No entanto, são apenas duas as ocorrências de

sujeito pronominal nominativo nas orações adjuntas com participio presente, que se verificam na presença de *sem*.

- (88) Deos obra em nós as virtudes sem nós, scilicet, **fazentes**, e nom sem nós **comsentintes**
[séc. XVI, CAT]

5.3. PARTICIPIAIS E GERUNDIVAS – ORDEM Suj-V e V-Suj

Em Fiéis & Lobo (2010), podemos encontrar uma descrição e análise das diferenças entre as gerundivas do PEC e as do PA, no que diz respeito à ordem de palavras.

Segundo as autoras, as propostas, presentes na literatura, que pretendem explicar as diferentes ordens de palavras nas gerundivas, não dão conta da totalidade dos fenómenos observados. A análise proposta por Barbosa (2002), por exemplo, prediz exclusividade de ordem Suj-V em línguas de sujeito não nulo e de ordem V-Suj em línguas de sujeito nulo, assim como a possibilidade de ordem Suj-V em línguas em que o gerúndio apresenta concordância de pessoa. De acordo com os dados do PA e do português dialetal, estas predições não são todas confirmadas, uma vez que, por exemplo, o PEC e o PA, sendo línguas de sujeito nulo, deveriam, de acordo com as predições de Barbosa, apresentar apenas ordem V-Suj, o que não se verifica.

De facto, os dados do PA permitem concluir que ambas as ordens são possíveis, independentemente do tipo de sujeito e da classe do verbo – encontra-se, nas gerundivas do PA, opcionalidade de ordem quer com sujeitos pronominais quer com DP, e com verbos copulativos, transitivos, inacusativos e intransitivos.

Da observação dos dados, as autoras concluíram que a ordem Suj-V em gerundivas não parece estar relacionada com a especificação negativa do Parâmetro do Sujeito Nulo, pois podemos encontrar ordem Suj-V em línguas de sujeito nulo, como o PA. Por outro lado, consideram que a ordem V-Suj pode resultar (i) ou de subida de V para C, (ii) ou da permanência do sujeito *in situ*, nas gerundivas introduzidas por *em*. Quanto à subida de V para C, a opcionalidade ou obrigatoriedade vs a impossibilidade deste movimento, as autoras defendem que deverá atribuir-se a diferentes especificações de traços temporais de C nas gerundivas, que se manifestam em diferentes restrições (cf. Fiéis & Lobo 2010).

À semelhança do que ocorre com as gerundivas e com construções com participio passado, em PA, pode encontrar-se quer a ordem V-Suj, quer a ordem Suj-V nas orações

com participío presente, como exemplificado nos exemplos (89) – (100)⁷⁵. A ordem V-Suj é, no entanto, significativamente mais frequente no corpus. Os casos de ordem Suj-V verificam-se essencialmente (mas não exclusivamente, como se pode verificar em (98) – (100)) na presença de preposição.

- (89) E **obrãte a graça do Sp(ir)itu S(an)to** vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhẽyros [séc. XIV, PP]
- (90) Esta erdade sobre dita iaz na uilla de Pielas súo signo de Sam Michael d'Oleiros, **discurrẽte** o rio do Buual no couto d'Oleiros. [séc. XIII, HGP]
- (91) E, **estantes as propiedades pesoaaes** em rellaçom de hũa pesoa aa outra e **estante a relaçom** em ellas, fica em ellas o entender comum [séc. XIV, CI]
- (92) gaanharam os cristãos o campo aos Mouros (...), e assi se partirom per cansaço, **entrante aa noite**, como mui boos cavaleiros. [séc. XIV, NLL]
- (93) disse q(ue) obrigaua todos sseus bẽes & das d(i)tas pesoas a cõp(r)ir et agoardar o d(i)to aforam(en)to, seg(und)o em ele h(e) (con)tjudo et **saynt(e)s as d(i)tas pesoas**, q(ue) o d(i)to casal fiq(ue) lyure e desenbargado [séc. XV, HGP]
- (94) se danou alguem ou talhou algũas aruores ou se fez **perdemte** alguus beens **alguem** per qualquer maneira que seia. [séc. XV, TC]
- (95) & a carta s̃ep(re) stauil seya en sua rreuer firmada. **Regnãte en Castella & en Leõ dom Sancho** [séc. XIII, HGP]
- (96) e que esteuesse aly des o serãão ataa **o gallo cantante** e que lhe ã encubrisse todo o que lhe acontecesse [séc. XV, OE]
- (97) Deos obra em nós as virtudes sem **nós**, scilicet, **fazentes**, e nom sem **nós comsemntintes** [séc. XVI, CAT]
- (98) das cousas q(ue) uẽẽ come das outras q(ue) ã ssom uistas, (...) e **o Sp(ir)ito S(an)to sainte d'anbos**, todas tres d'hũa natura e d'hũa ygualdadedas cousas [séc. XIV, PP]
- (99) Ffeyta a carta sete dias de Agosto. (...). **Don Sanch(o)** en Cast(e)lla & en Leõ **reynant(e)**
- (100) Dufrosina ffoy aaquel m(oesteyr)o (...) e mandou dizer pello porteyro ao abbade dizendo **hũũ c(ra)stado que vẽ do paaço estãte** aa porta do m(oesteyr)o e q(ue)r ffallar (con)tigo; [séc. XIII/XIV, VS]

⁷⁵ No entanto, ao contrário do que acontece com as gerundivas, que admitem ordem V-Suj e Suj-V também com sujeito pronominal lexicalizado, as orações com participío presente não ocorrem com sujeitos pronominais, como já referido anteriormente.

A variação de ordem de palavras encontrada nas orações com particípio presente levanta várias questões. As ordens V-Suj e Suj-V das participiais poderão explicar-se da mesma forma que nas gerundivas ou corresponde a um fenómeno específico? A ordem V-Suj das participiais corresponderá a subida do V?

A possibilidade de ocorrer a ordem V-Suj com particípios de verbos transitivos (cf. (90) e (94)) ou intransitivos não inacusativos (cf. (89)) poderá ser indício de que V sobe para uma categoria funcional mais alta. Uma vez que estas orações não são introduzidas por conector, C está foneticamente vazio, pelo que a ordem V-Suj pode corresponder a uma subida de V para C. A ordem V-Suj com verbos predicativos e inacusativos (cf. (91) – (93)) poderá corresponder a uma estrutura em que o sujeito se mantém *in situ*. Assim, as ordens Suj-V destas orações poderão corresponder a estruturas em que V não subiu para C. O mesmo parece acontecer quando a oração é introduzida por preposição (cf. (96) e (97)).

Nos exemplos (98) – (100), verifica-se a ordem Suj-V sem presença de preposição. No entanto, parecem ser estruturas com propriedades diferentes. Em (100), o particípio presente ocorre como predicado principal e em (99) temos uma estrutura próxima das orações reduzidas, que, como vimos, em situação de relato, epígrafe ou legenda, podem ter formas não finitas a funcionar como orações independentes. Acredito que o mesmo se passa em relação a (98).

Podemos ainda considerar, à semelhança do que afirmam Fiéis & Lobo (2010) e Lobo (2003), a hipótese de que as ordens de palavras em gerundivas e em orações com particípio presente não se relacionam tanto com a presença/ausência de traços de concordância ou com o Parâmetro de Sujeito Nulo, mas antes com diferentes especificações morfológicas de C nas diferentes formas.

Assim, nas estruturas com particípio presente, em que as formas verbais têm uma natureza próxima do adjetivo, não existindo operador T em C, não se verificará subida obrigatória de V para C. Nestas estruturas, a ordem Suj-V ou V-Suj poderá, antes, corresponder à subida ou à permanência *in situ* do sujeito gramatical, como é proposto por Santos (1999) e Barbosa (2002) para as participiais com particípio passado.

6. (S)EM JEITO DE CONCLUSÃO

Este trabalho, centrado no particípio presente do português antigo, procurou descrever e analisar o funcionamento desta forma, principalmente quando manifestava um comportamento verbal, hoje perdido.

Para tal, tomaram-se como ponto de partida algumas questões, pretendendo-se averiguar

- o que caracteriza as formas de particípio presente no PA e no PEC;
- o que distingue estas formas de outras formas não finitas do verbo;
- o que determina os contextos da sua ocorrência;
- como se explicam as diferenças no seu funcionamento e na sua distribuição;
- qual a distribuição sintática das orações com particípio presente verbal;
- se são orações plenas ou defetivas;
- como se podem explicar as suas propriedades internas.

Depois de introduzir a temática a tratar, de definir os objetivos do trabalho e as questões de investigação e de referir as motivações para o tratamento deste tema (cap. 1.), comecei, em primeiro lugar, por referir brevemente a problemática que envolve a categorização das formas não finitas – infinitivos, gerúndios e particípios (cap. 2.). Foi visto que estas são formas híbridas, uma vez que partilham traços de diferentes categorias lexicais, o que torna difícil a sua categorização. Em seguida, apresentei algumas propostas que surgiram como alternativa ao sistema binário de traços da gramática generativa, insuficiente para dar conta de formas como os gerúndios e os particípios (cap. 2.1.). Esta primeira abordagem às dificuldades em torno da categorização, assim como a referência às propriedades verbais e nominais destas formas (cap. 2.2.), serviu de ponto de partida para a caracterização das formas não finitas em PEC (cap. 2.3.) e em PA (cap. 2.4.), efetuada de seguida. Concluiu-se que, no PA, a distribuição sintática das formas não finitas não era tão clara como no PEC e que, entre elas, ocorriam contextos de sobreposição que hoje não se verificam. Além disso, no PA, era possível encontrar formas de particípio presente com funcionamento verbal, que, no PEC, foram substituídas por outras formas não finitas, nomeadamente o gerúndio.

Caracterizadas as formas não finitas do português, passou-se, num segundo momento (cap. 3.), à descrição e análise do particípio presente, primeiro em diversas línguas (cap. 3.1.), depois em português (cap. 3.2.). Vimos, por exemplo, que em línguas como o inglês e o francês, o particípio presente mantém o seu comportamento verbal,

havendo, no entanto, uma certa sobreposição desta forma com outras que apresentam a mesma terminação. Já em espanhol e em português, o funcionamento verbal do particípio presente deixou de se verificar, funcionando, nos dias de hoje, apenas como adjetivo e como nome. Olhando para estádios mais antigos da língua, era ainda possível, quer em espanhol, quer em português, encontrar o particípio presente a funcionar como verbo, admitindo sujeitos próprios e complementos nominais.

Num terceiro momento (cap. 4.), depois de apresentada a metodologia seguida para a elaboração e o tratamento do *corpus*, iniciou-se a descrição e análise dos dados recolhidos. Primeiro, pretendia-se ilustrar as diferentes categorias lexicais a que, no PA, as formas em *-nte* podiam pertencer, e mostrar o seu comportamento. Além da distribuição sintática, foram tidos em conta critérios como a presença de determinante, que permitiu distinguir os nomes, e a modificação por advérbio de grau, própria dos adjetivos. A presença de sujeito e/ou de complementação nominal constituiu critério para considerar as formas como verbais, distinguindo-as das formas nominais. Procedeu-se, depois (cap. 4.2.1), à caracterização dos particípios presentes do PA como formas nominais: 1) enquanto adjetivos, flexionam em número, admitem modificação por advérbio de grau, ocorrem em coordenação com outros adjetivos e em posição típica de adjetivo (atributiva e predicativa), modificando um NP; 2) quando funcionam como nomes, variam em número, podem ser precedidas de determinante, aparecem coordenadas com outros NP e mostram uma distribuição típica da categoria nome (sujeito ou complemento do verbo). Foram, depois (cap. 4.2.2.), classificadas como verbais as formas do particípio presente que ocorrem com sujeito próprio, as que admitem complemento nominal ou oracional e, finalmente, as que ocorrem com clítico. Foi possível concluir que as orações com particípio presente admitem quer sujeito lexical (NP, com ordem Suj-V e V-Suj, e pronominal) quer sujeito nulo (preferencialmente com interpretação correferente com o sujeito da matriz). Quanto à distribuição sintática, vimos que os particípios encontrados no *corpus* podem ocorrer (i) em orações adjuntas adnominais, modificando um NP; (ii) em posição predicativa, predicando sobre o sujeito; (iii) em orações adjuntas adverbiais, modificando o predicado ou a oração; (iv) em orações selecionadas por verbo causativo ou percetivo e (v) depois de preposição. Quanto ao tipo de verbos, encontraram-se no *corpus* particípios de verbos copulativos, intransitivos, inacusativos e transitivos (diretos e indiretos), admitindo estes últimos diferentes tipos de complementação – nominal, preposicional e oracional. Foi ainda possível verificar que não ocorrem particípios presentes compostos, nem orações participiais com negação própria, (excetuando a negação com *sem*), e que as orações com particípio presente ocorrem, maioritariamente, sem conector (há ocorrências esporádicas de particípios introduzidos por *em*). Foram ainda encontrados vários casos

em que as formas participiais revelam ambiguidade, que se verifica, sobretudo, em contextos tipicamente adjetivais (adjunção adnominal e predicção), quando a forma de participío presente seleciona argumentos não nominais ou quando ocorre sem complemento.

A discussão dos dados (cap. 5.) centrou-se na comparação do participío presente com o gerúndio, visto que estas formas partilhavam os mesmos contextos, no PA. Procurou-se determinar as semelhanças e diferenças entre as gerundivas e as participiais, no que concerne à defetividade estrutural e à opcionalidade de ordem V-Suj e Suj-V.

Partindo de algumas propostas de análise de gerundivas e de orações com participío passado, concluiu-se que as orações com participío presente parecem mais defetivas do que as gerundivas, uma vez que não têm operador temporal que legitime a negação e a presença de auxiliar. Procurei ainda verificar se, tal como acontece com as gerundivas, seria possível distinguir, nas participiais, adjunção periférica e não periférica, mas os dados não revelaram evidência que permita, neste momento, essa classificação, embora pareça possível distinguir dois tipos de adjuntas com participío presente – um que admite sujeito lexical e ocorre em posição inicial, outro que ocorre com sujeito nulo, correferente ao da matriz, e que ocupa posição final ou intercalada. Ambas parecem ser defetivas (ocorrem sem conector, não há casos de negação própria e não há participíos presentes compostos), sem que, no entanto, se possa atribuir essa defetividade à própria forma, pois há casos de participío presente em oração independente.

Finalmente, no que diz respeito à posição do sujeito, foi possível encontrar ordem V-Suj e ordem Suj-V nas orações com participío presente, sendo que a ordem V-Suj é mais frequente no *corpus*. Os casos de ordem Suj-V verificam-se na presença de preposição. O facto de ocorrer ordem V-Suj com participíos de verbos transitivos e intransitivos não inacusativos levou a concluir que poderá verificar-se subida de V para uma categoria funcional mais alta. Foi ainda colocada a hipótese de as ordens de palavras nas orações com participío presente se relacionarem com especificações morfológicas de C, levando a considerar a possibilidade de (uma vez que estas formas verbais têm uma natureza próxima do adjetivo), não existir operador T em C, não obrigando à subida de V para C. Assim, a ordem Suj-V ou V-Suj poderá corresponder à subida ou à permanência *in situ* do sujeito gramatical.

Considero que o estudo iniciado com este trabalho está muito longe de ser um estudo acabado. A diversidade e complexidade quer das formas quer das estruturas e dos contextos em que ocorrem mostram bem a necessidade de um estudo mais aprofundado e sistematizado do participío presente verbal do PA.

De facto, pelas limitações próprias deste tipo de trabalho, não foi possível tratar todas as estruturas encontradas, que trarão, com certeza, dados importantes para a compreensão do funcionamento desta forma verbal. É o caso das estruturas em que o participio é selecionado por verbo causativo (ou se fez **perdente** alguus beens alguem per qualquer maneira que seia.). É também o caso das estruturas ambíguas, e das que ocorrem em construção fixa, que mereciam mais atenção. É ainda o caso de todos os contextos, além do de adjunção adverbial, em que o participio verbal podia ocorrer, no PA.

Além disso, várias foram as questões deixadas em aberto. Levantei algumas hipóteses quanto à defetividade da estrutura, hipóteses essas que poderão trazer pistas relativamente à estrutura destas orações. Considerei também a hipótese de as participiais serem mais defetivas do que as gerundivas, mas seria interessante verificar qual é, de facto, a diferença na estrutura dessas orações.

Espero que estes e outros problemas levantados por este trabalho possam vir a ser pontos de partida para investigação futura.

E agora sim, em jeito de verdadeira conclusão, gostaria de acrescentar que, embora *sufremte muyto trabalho* durante a realização desta dissertação, aprendi imenso e apreciei cada desafio. Também por isso, considero que um estudo aprofundado, *alomeante todas as cousas* sobre as formas de participio presente, capaz de explicar o percurso evolutivo e as razões pelas quais, no português europeu contemporâneo, sobreviveram apenas as formas de gerúndio e de infinitivo em contexto verbal será, certamente, um trabalho empolgante para *toda homem vivente a este mûda*.

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNEY, S. (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Diss. de Doutoramento, MIT.
- AMBAR, M. (1988) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Diss. de Doutoramento, FLUL, Lisboa (publicada em 1992 pelas Ed.Colibri).
- AMBAR, M. (1998) Inflected Infinitive Revisited – Genericity and Single Event, *Canadian Journal of Linguistics*, 43 (1), 5-36.
- ALEXIADOU, A. (1997) *Adverb Placement : A case study in antisymmetric syntax* [Linguistik Aktuell/Linguistics Today 18] Amsterdam. John Benjamins.
- ALEXIADOU, A. (2001) *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins.
- ALEXIADOU, A. (2005) Gerund types, the present participle and patterns of derivation. *Event Arguments in Syntax, Semantics and Discourse*, 139-152.
- ALEXIADOU, A. (2013) Nominal vs. verbal -ing constructions and the development of the English progressive. *English Linguistics Research*, 2 (2), 126-140.
- ALTMANN, O. G. (1966) O particípio presente e o gerúndio no "Anfitrião" de Plauto. *ALFA: Revista de Linguística*, 9.
- ARNAVIELLE, T. (2003) *Présentation: Participe présent et gérondif*. (No. 3) Editions Armand Colin.
- BARREIRO, A. M. (1998) *Propriedades Sintático-semânticas dos participios passados em português europeu*. Diss. de Mestrado, UNL, Lisboa
- BAKER, M. C. (2003a) *Lexical categories: Verbs, nouns and adjectives*. (Vol. 102) Cambridge University Press.
- BAKER, M. C. (2003b) Verbal adjectives as adjectives without phi-features. In *Proceedings of the Fourth Tokyo Conference on Psycholinguistics*,. Keio University, 1-22.
- BENINCÀ, P., & G. Cinque (1991) Frasi subordinate al participio: participio presente. L. Renzi e G. Salvi (eds.), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, 2, 604-609.
- BERGER, M. (2012) The Internal Structure of Nouns, Nominals, and Gerunds: An Analysis of Their Relationship and Representation. *Tampa Papers in Linguistics*, 25.

- BLEVINS, J. P. (2005) Remarks on gerunds. *Morphology and the web of grammar: Essays in memory of Steven G. Lapointe*. Stanford: CSLI Publications, 25-47.
- BOSQUE, I. (1990) *Las Categorías Gramaticales*. Madrid. Sintesis.
- BRAGA, Teophilo (1876) *Grammatica Portuguesa Elementar*. Livraria Portuguesa e Estrangeira. Porto.
- BRANDÃO, Cláudio (1933) *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- BRANDÃO, Cláudio (1963) *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Imprensa da Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- BRITO, A. M. (1984) Sobre as noções de Sujeito e Argumento Externo: Semelhanças entre a estrutura de F e a Estrutura de SN em português. *Boletim de Filologia* XXIX. 421-478.
- BRITO, A. M. (2003) Subordinação adverbial, in Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa (5ª edição, revista e aumentada), 695-728.
- BRITO, A. M. (2012) A nominalização do infinitivo em Português Europeu: aspetos sintáticos e semânticos. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. APL, 98-120.
- CARDOSO, A., & S. Pereira (2003) Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista ABRALIN*, 2, 159-181.
- CHOMSKY, N. (1970) Remarks on Nominalization, in R. Jacobs & P. Rosenbaum, eds. *Readings in English Transformational Grammar*, Ginn, Waltham MA., 184-222.
- CIPM - *Corpus Informatizado do Português Medieval*, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (<http://www.cipm.fcsh.unl.pt>).
- CORDIAL-SIN - *Corpus dialectal com anotação sintáctica* (Projecto financiado PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275), Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CROFT, William. (1991) *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago: University of Chicago Press.
- CUNHA, Celso & Luis Filipe Lindley Cintra (1997) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. J. Sá da Costa, Lisboa. (1.ª ed. 1984).
- DAHLMAN, Roberta C. (2008) *Piccola Grammatica del Particípio in Italiano*. Diss. Mestrado. Lund University.
- DE CARVALHO, P. (2003). «Gérondif», «participe présent» et «adjectif déverbal» en morphosyntaxe comparative. *Langages*, 100-126.

- DEMONTE, V. (1999) El adjetivo: clases y usos: la posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: Bosque, I.; Demonte, V. (Org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- DIAS, E. (2013) A Evolução do Particípio Presente em Português. In: Paulo Osório e M. F. Xavier (coordenação) *Simpósio 14 Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*, SIMELP IV, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.
- DUARTE, I. (2003) Subordinação Completiva – as orações completivas. In Mateus, M. Helena *et al.* (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 5.^a Edição, revista e aumentada, 593-651.
- DUARTE, I. & F. Oliveira (2010) Particípios Resultativos. *Textos Seleccionados XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL. Porto.
- FERRARI, L. V. (1998) A gramaticalização de formas não-finitas como evidência da motivação conceptual do léxico. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, vol.1, n.º2. Juiz de Fora.
- FIÉIS, A. & M. Lobo (2010) Aspectos da sintaxe das orações gerundivas no Português Medieval e no Português Europeu Contemporâneo. *Textos Seleccionados. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL. Porto
- FIÉIS, A. & M. Lobo (2011) Propriedades de gerúndios e infinitivos em português antigo. *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL. Lisboa.
- GARCÍA, A. J. M. (1991) El comportamiento funcional del "participio de presente" en el castellano medieval y renacentista. *Revista de filología de la Universidad de La Laguna*, (10), 281-298.
- GONÇALVES, A. (1999) *Predicados Verbais Complexos em contextos de infinitivo não preposicionado em português europeu*, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- GUASTI, M. T. (1997) Romance causatives. In Haegeman (ed.) *The New Comparative Syntax*. London / New York: Longman.
- GUÉRON, J. & T. Hoekstra (1995) The Temporal Interpretation of Predication, in A. Cardinaletti & M. T. Guasti, eds. (1995) *Syntax and Semantics*, vol. 28 *Small Clauses*. Academic Press, San Diego; 77-107.
- HAEGEMAN, L. (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.

- HASPELMATH, M., & E. König (1995) *Converbs in cross-linguistic perspective: structure and meaning of adverbial verb forms - adverbial participles, gerunds. Empirical approaches to typology* (Vol. 13). Mouton de Gruyter.
- HERNANZ, M. L. (1999). El infinitivo. In Bosque, I.; Demonte, V. (Org.) *Gramática descriptiva de la lengua española* (2197-2356). Madrid: Espasa Calpe.
- HOEKSEMA, J. (2003) Verb movement in Dutch present-participle clauses. *Germania et alia: a linguistic webschrift for Hans den Besten*. University of Groningen
- HUDDLESTON, R. & G.K. Pullum. (2006) Coordination and Subordination. In B. Aarts and A. McMahon, editors. *The Handbook of English Linguistics*. Blackwell Publishing, 79, cap. 9.
- JACKENDOFF, R. S. (1977). *X syntax: A study of phrase structure*. MIT press.
- KOSKINEN, P. (1998) *Features and Categories: Non-finite Constructions in Finnish*. PhD thesis. University of Toronto.
- LEAL, A. J. R. (2001) *O valor temporal das orações gerundivas em português*. Dissertação de Mestrado, FLUP, Porto.
- LOBO, M. (2000) Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal, *Actas do Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Univ. Évora, 8-13 Maio 2000.
- LOBO, M. (2001) Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL. Lisboa.
- LOBO, M. (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Diss. de Doutoramento. FCSH. Lisboa.
- LOBO, M. (2006) Dependências Temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português, in *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Vol. 10, números 1 e 2, UFJF, (edição *on line*).
- LORENZO, J. M. L. (1998) El participio de presente latino: auge y ocaso de una forma verbal. *Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos*, 15, 37-58.
- LUNDQUIST, B. (2011) The Category Of Participles. *Categorization and Category Change*. Tromsø. University of Tromsø.
- LURAGHI, S. (1999) Il suffisso-ante/-ente in italiano: fra flessione e derivazione. In Benincà P./Mioni A./Vanelli L. (a cura di). *Atti del XXXI Congresso internazionale di studi della Società di Linguistica Italiana*, Roma, Bulzoni.

- MANOLESSOU, I. (2005). From participles to gerunds. In Stavrou, M., Theophanopoulou-Kontou, D., & Terzi, A. (Eds.). *Advances in Greek Generative Syntax: In Honor of Dimitra Theophanopoulou-Kontou* (Vol. 76). John Benjamins Publishing. 241-283.
- MARTIN, R. (2001) Null Case and distribution of PRO. *Linguistic Inquiry*, 32 (1), 141-166.
- MATEUS, M. H. *et al.* (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 3.^a Edição.
- MATEUS, M. H. *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 5.^a Edição, revista e aumentada.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, INCM, Lisboa.
- MATTOS E SILVA, R.V. (2008) *O Português Arcaico, Sintaxe e Morfologia*, Lisboa, INMC.
- MEDEIROS, A. (2008) *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: um estudo das Formas Participiais*, Diss. Doutorado, UFRJ.
- MELTZER-ASSCHER, A. (2010) Present participles: Categorical classification and derivation. *Lingua*, 120 (9), 2211-2239.
- MURGA, F. (1984). *Las formas no personales del verbo en Italiano y Español. Italiano Y Español – estudios lingüísticos*. Publicaciones de la Universidad de Sevilla.
- NEDJALKOV, Igor' V. (1998) Converbs in the languages of Europe. In Johan van der Auwera (com a colaboração de Dónall P. Ó Baoill), ed. *Adverbial Constructions in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter; 421-455.
- NUNES, J. J. (1960) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, (Fonética e Morfologia)*, 6.^a edição, Vol. I, Livraria Clássica Editora
- OLIVEIRA, F. (2003) "Tempo e Aspecto" in M. H. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho. 127-173.
- OLIVEIRA, J. e Maringela Oliveira (2011) O Particípio Presente em Cartas de Bernardo de Claraval: Mudança e Conservação na Língua Portuguesa. In: *Confluência*, n.º 35/36.
- POLLOCK, Jean-Yves (1989) Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP, *Linguistic Inquiry* 20.3; 365-424.
- POMPEI, A. (2004) Propriétés nominales et propriétés verbales du participe. *Studi italiani di linguistica teorica ed applicata*. 33(1), pp. 31-48. Università degli Studi Roma Tre.

- RAPOSO, E. P. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Caminho, Lisboa.
- RIEGEL, M., J. C. Pellat, & R. Rioul (1994) *Grammaire méthodique du français*. Paris, PUF.
- SAID ALI, M. (1923) *Formação de Palavras e Syntaxe do Portuguez Historico*. São Paulo, Melhoramentos.
- SAID ALI, M. (1931) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. 7^a ed., 1971.
- SÁENZ, H. S. (1953) Disquisiciones participiogerundiales. *Hispania*, 291-299.
- SANTOS, A. L. (1999) *O participio absoluto em português e em outras línguas românicas*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- SIMONE, R., & A. Pompei (2007) Traits verbaux dans les noms et les formes nominalisées du verbe. *Faits de langues*, 30, 43-58.
- SIMONE, R. (2008) Coefficienti verbali nei nomi. *Atti del XXXI Convegno della Società Italiana di Glottologia, (Pisa, 26-28 ottobre 2006)*, 83-113.
- STOWELL, T. (1981) *Origins of Phrase Structure*, Ph.D. Diss, MIT.
- THURÉN, C. (2006) The syntax of Swedish present participles-the lexical category problem. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 77.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. ([1938] 1961) Do Latim ao Português. *Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Instituto Nacional do Livro. Brasília.
- YLIKOSKI, J. (2003) Defining non-finites: action nominals, converbs and infinitives. *SKY Journal of linguistics*, 16, 185-237.